

LINDA HOWARD

Íntimo e Perigoso

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Agradecimentos

A minha profunda gratidão a dois homens que perderam tempo a responder a uma grande quantidade de perguntas: Jim Murphy e o major Marc Weintraub, do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos. Obrigado, rapazes, por me ensinarem a despenhar um avião. Quaisquer erros serão da minha responsabilidade ou terão ocorrido porque a minha imaginação se descontrolou ou porque não soube quais as questões correctas a colocar.

Bailey Wingate acordou a chorar. Outra vez.

Odiava quando isso acontecia porque não conseguia perceber qual a razão para ser tão piegas. Se estivesse miseravelmente infeliz, se estivesse só ou em luto, chorar até adormecer faria sentido, mas nada disso era verdade. Na pior das hipóteses, sentir-se-ia irritada.

Nem mesmo a irritação conseguia ser um estado de espírito a tempo inteiro. Era-o apenas quando tinha de lidar com os seus enteados, Seth e Tamzin, o que, graças a Deus, acontecia apenas uma vez por mês, quando assinava a transferência das quantias que recebiam da herança do seu falecido marido. Quase sempre a contactavam por essa altura. Ou antes, para exporem o seu desejo de mais dinheiro, que nunca aprovara, ou depois, para lhe dizerem, de formas específicas a cada um, que a achavam uma cabra desprezível.

Seth era, de longe, o mais desagradável e deixara-a emocionalmente ferida em mais ocasiões do que as que desejaria contabilizar, mas, pelo menos, era directo na sua hostilidade. Por mais duro que fosse suportá-lo, Bailey preferia lidar com ele a ter de aguentar a insuportável agressividade passiva de Tamzin.

Seria naquele dia que as quantias mensais seriam transferidas para as contas bancárias respectivas, o que significava que podia esperar um telefonema ou mesmo uma visita. Que alegria. Uma das torturas preferidas de Tamzin era visitá-la e trazer consigo os seus dois filhos de tenra idade. Sozinha, Tamzin era já difícil de aguentar, mas, juntando à mistura as suas crianças birrentas, mimadas e carentes, Bailey sentia vontade de fugir para longe.

— Devia ter pedido subsídio de risco — resmungou em voz alta, enquanto afastava as cobertas e saía da cama.

Logo de seguida, censurou-se mentalmente. Não tinha motivo de queixa e, muito menos, motivo para chorar enquanto dormia. Aceitara casar com James Wingate sabendo como eram os seus filhos e como reagiriam às determinações financeiras do pai. Aliás, o pai contara com essas reacções e planeara em concordância. Bailey envolvera-se na situação com os olhos bem abertos e, agora, não podia queixar-se. Mesmo da sua sepultura, Jim pagava-lhe bem para fazer o seu trabalho.

Entrando na casa de banho luxuosa, observou o seu reflexo, algo difícil de evitar quando a primeira coisa que via era o espelho ocupando toda uma parede. Por vezes, quando se observava, sentia um corte quase completo entre a pessoa reflectida e o que sentia no seu interior.

O dinheiro fizera-a mudar, não tanto por dentro como por fora. Estava mais magra, mais tonificada porque agora tinha o tempo e o dinheiro para um treinador pessoal que a visitava em casa e a fazia sofrer no seu ginásio privativo. O cabelo, outrora sempre de um louro escuro, tinha agora madeixas de diferentes tonalidades de louro aplicadas com tanta mestria que pareciam absolutamente naturais. Um penteado caro favorecia-lhe a face e desenhava linhas tão graciosas que, mesmo naquele momento, acabada de sair da cama, o cabelo mantinha um aspecto francamente apelativo.

Sempre tivera uma aparência cuidada e sempre se vestira tão bem quanto o seu salário permitia, mas havia uma enorme diferença entre «cuidado» e «vistoso». Nunca fora bela e, certamente, continuaria a não se qualificar para essa categoria, mas, por vezes, conseguia ser «bonita» ou até «marcante». A aplicação meticulosa dos melhores cosméticos disponíveis tornava o verde dos seus olhos mais intenso e vibrante. As roupas eram preparadas para lhe servirem a ela e a mais ninguém, não tendo de as partilhar com milhões de outras mulheres que vestiam o mesmo tamanho genérico.

Como viúva de Jim, tinha o direito de utilização plena e inquestionável daquela casa em Seattle, de uma em Palm Beach e de outra no Maine. Nunca voava em voos comerciais, a não ser que o desejasse. As *Empresas Wingate* fretavam aviões privados e havia sempre um disponível para si. Pagava apenas os seus objectos pessoais, não tendo de se preocupar com contas. Era, inegavelmente, o aspecto mais positivo do acordo que fizera com o homem que com ela casara e que, menos de um ano depois, a deixara viúva.

Bailey fora pobre e, apesar de a acumulação de riqueza nunca ter sido o seu principal objectivo ou ambição, precisava de admitir que ter dinheiro tornava a vida muito mais fácil. Continuava a ter problemas, sendo Seth e Tamzin os principais, mas os problemas pareciam diferentes quando não envolviam o pagamento atempado de contas. Desaparecia o sentimento de urgência.

Bastava-lhe zelar pelos fundos instituídos para cada um deles, uma responsabilidade que levava muito a sério apesar de nenhum deles acreditar nisto, limitando-se a ocupar os seus dias conforme bem entendiam.

Bolas, como estava entediada.

Jim previra tudo no que dizia respeito aos filhos, pensou, ao entrar no chuveiro redondo e rodeado de vidro fosco. Salvaguardara as suas heranças, garantindo tanto quanto possível que teriam segurança financeira, e, com grande perícia, avaliara as suas personalidades ao fazê-lo. No entanto, os planos não tinham incluído o decorrer da vida de Bailey depois da sua partida.

Era provável que não se tivesse importado, pensou, com mágoa. Fora

o meio para atingir um fim e, mesmo que tivesse gostado dela e o sentimento fosse recíproco, nunca fingira sentir mais do que isso. Tinham tido uma relação profissional, iniciada e controlada por ele. Mesmo que tivesse sabido de forma antecipada que o fariam, não se teria incomodado por os seus amigos, que a haviam convidado diligentemente para os seus eventos sociais enquanto Jim fora vivo, a apagassem das listas de convidados como se fosse uma batata quente, mal ele fora sepultado. Os amigos de Jim pertenciam maioritariamente ao seu grupo etário e muitos deles tinham conhecido e sido amigos de Lena, a primeira mulher. Alguns também tinham conhecido Bailey quando ela ocupava o cargo de assistente pessoal de Jim. Sentiam-se desconfortáveis por ela passar a desempenhar o papel de sua mulher. E também ela se tinha sentido desconfortável. Não podia culpá-los por se sentirem da mesma forma.

Não era a vida que pretendia para si. Sim, o dinheiro era agradável, muito agradável, mas não queria passar o resto da vida sem fazer nada além de angariar dinheiro para duas pessoas que a desprezavam. Jim estivera certo de que a humilhação sentida por Seth por ter a sua herança controlada por uma madrasta três anos mais nova do que ele próprio o chocaria ao ponto de mudar de comportamento e começar a comportar-se como um adulto responsável, em vez de uma versão masculina e mais velha de Paris Hilton, mas, até àquele momento, isso não acontecera e Bailey já não tinha qualquer fé de que viesse a acontecer. Seth tivera bastantes oportunidades para se aplicar, para se interessar pelas empresas que financiavam o seu modo de vida de luxo e ócio, mas não decidira ocupar-se de nenhuma delas. Seth fora a esperança de Jim porque Tamzin era absolutamente desinteressada e incompetente para o tipo de decisões financeiras exigidas por imensas quantidades de dinheiro. Interessava-se apenas pelo resultado final, o dinheiro à sua disposição, e queria receber a totalidade da sua herança para poder gastá-la como entendesse.

Bailey estremeceu ao considerar essa possibilidade. Se Tamzin adquirisse o controlo da sua herança, queimaria o dinheiro num máximo de cinco anos. Se não fosse a própria Bailey a controlar os fundos, teria de ser outra pessoa a fazê-lo.

O telefone tocou no momento em que fechou a torneira do chuveiro e estendeu a mão para uma toalha cor de champanhe para enrolar em redor do corpo. Enrolando outra sobre o cabelo molhado, saiu e pegou no telefone sem fios do quarto, olhando a identificação de chamada e voltando a pousá-lo sem atender. O número fora bloqueado. Registara todos os seus números na lista nacional de números a não contactar e era pouco provável que fosse alguém tentando vender-lhe algo. Isso significava que Seth teria acordado cedo, pensando nos insultos que usaria, e recusou-se a lidar com

ele antes de tomar café. A sua consciência do dever tinha limites e aquilo ultrapassava-os.

Por outro lado, e se houvesse algum problema? Seth ia de festa em festa, raramente se deitando antes da madrugada, pelo menos na sua cama. Não era normal que lhe ligasse tão cedo. Sentindo os limites diluírem-se um pouco, voltou a pegar no telefone, pressionando o botão de atendimento de chamada, mesmo que o atendedor automático já tivesse iniciado a sua lengalenga.

— Estou — disse sobre a mensagem gravada com a voz masculina enlatada que vinha programada de origem no sistema. Mantivera-a em vez de gravar uma mensagem própria porque a voz enlatada era mais impessoal.

O atendedor parou a meio de uma frase quando atendeu, emitiu um apito e silenciou-se.

— Olá, mãe.

O sarcasmo na voz de Seth era intenso. Suspirou mentalmente. Nada estava errado. Seth experimentava apenas uma nova forma de a incomodar. Ouvir um homem mais velho chamar-lhe «mãe» não a incomodava, mas ter de lidar com ele sim.

A melhor forma de lidar com Seth seria não mostrando grande reacção. Eventualmente, acabaria por se cansar e desligaria.

— Seth. Como está? — respondeu, no tom frio e racional aperfeiçoado enquanto trabalhara como assistente pessoal de Jim. Nem o tom nem a expressão transmitiam qualquer indício quanto ao que sentia.

— Não podia estar melhor — replicou Seth com uma alegria forjada, — considerando que a puta avarenta da minha madrastra vive à grande com o meu dinheiro enquanto que eu nem sequer lhe posso tocar. Mas o roubo será sempre aceitável em família, não é?

Habitualmente, deixaria que os insultos lhe passassem ao lado. «Putá» fora o que usara quando ouviu as determinações previstas pelo testamento do pai. De seguida, acusara-a de ter casado por dinheiro e de se ter aproveitado da doença de Jim para o persuadir a deixar o dinheiro dos filhos sob o seu controlo. Também jurara e ameaçara contestar o testamento em tribunal, fazendo o advogado de Jim suspirar e desaconselhar tal acção porque seria um desperdício de tempo e dinheiro. Jim segurara as rédeas do seu império até poucas semanas antes da morte e o testamento fora elaborado quase um ano antes, precisamente no dia a seguir ao seu casamento com Bailey.

Ao saber disso, Seth pusera-se muito vermelho, disse algo tão obsceno sobre ela que fez os outros presentes suster o fôlego e saiu disparado. Depois disso, Bailey educara-se para não mostrar qualquer reacção e um simples «puta» não provocaria grande efeito.

Por outro lado, incomodava-a que lhe chamassem ladra.

— A propósito da sua herança, há uma oportunidade de investimento que quero estudar — disse, calmamente. — Para maximizar os lucros, precisarei de investir o máximo possível. Não se importa que reduza a sua mesada para metade, pois não? Será apenas de forma temporária. Um ano deverá bastar.

A proposta provocou um instante de silêncio e, a seguir, Seth rugiu com voz plena de raiva.

— Puta. Hei-de matar-te.

Era a primeira vez que reagia aos insultos dele com uma ameaça própria e o choque fê-lo afastar-se do seu padrão predefinido. A ameaça não a alarmou. Seth tinha experiência em fazer ameaças que não concretizava.

— Se tiver outras propostas de investimento que gostasse de submeter à minha consideração, terei todo o gosto em estudá-las — disse ele, tão educadamente como se a tivesse questionado sobre os pormenores do negócio em vez de ameaçar matá-la. — Estude-as com cuidado e submeta-as por escrito. Dar-lhes-ei atenção logo que possível, mas é provável que leve algumas semanas. Vou de férias depois de amanhã e espero estar fora durante um par de semanas.

Como resposta, o telefone foi-lhe desligado na cara.

Não era uma grande forma de começar o dia, pensou, mas, pelo menos, conseguira evitar o seu encontro mensal com Seth.

Se, ao menos, conseguisse evitar também Tamzin...

| 2 |

Cameron Justice lançou um olhar breve e abrangente ao pequeno aeródromo e ao parque de estacionamento enquanto conduzia o seu *Suburban* azul até ao local que lhe fora atribuído. Apesar de não serem ainda seis e meia da manhã, não foi o primeiro a chegar. O *Corvette* prateado significava que o seu amigo e colega, Bret Larsen, o L da *J&L Transporte Aéreo Executivo*, já tinha chegado e o *Ford Focus* vermelho assinalava a presença da sua secretária, Karen Kaminski. Bret chegara cedo, mas Karen habituara-se a chegar ao escritório em primeiro lugar. Dizia que era a única altura em que podia trabalhar sem interrupções constantes.

A manhã estava luminosa, apesar de o boletim meteorológico referir

um aumento de nebulosidade durante o dia. No entanto, naquele momento, o sol brilhava com intensidade sobre os quatro reluzentes aviões da *J&L* e Cam fez uma pausa momentânea para gozar a vista.

A pintura personalizada fora cara, mas o resultado justificara o custo, com o negro brilhante cortado por uma estreita linha branca curvando-se para cima do nariz até à cauda. Os dois *Cessna*, um *Skylane* e um *Skyhawk*, estavam pagos na totalidade. Juntamente com Bret, dera cabo do couro nos primeiros anos, fazendo outros trabalhos, além de voar, para conseguir pagá-los logo que possível e reduzir a dívida. O *Piper Mirage* era quase seu e, depois de estar pago, planeavam dobrar os pagamentos do *Lear 45 XR* de oito lugares, o bebê de Cam.

Apesar de o *Lear* estar relativamente próximo em comprimento e largura de asas do F-15E *Strike Eagle* que o sócio de Cam voara na força aérea, Bret acostumara-se desde então aos *Cessna* menores e ao *Mirage* de dimensão média, preferindo-os pela sua agilidade. Cam, que voara o enorme KC-10A *Extender* durante a sua prestação de serviço, preferia ter mais avião em seu redor. As suas preferências ilustravam as diferenças básicas entre ambos enquanto pilotos. Bret era o piloto de caças, vaidoso e com reflexos rápidos. Cam era fiável, o tipo desejável aos comandos quando um avião necessitasse de reabastecimento a milhares de pés de altitude, viajando a centenas de quilómetros por hora. Para descolar, o *Lear* necessitava de cada centímetro disponível da pista que o pequeno aeródromo podia disponibilizar e Bret cedia de bom grado o lugar do piloto a Cam nesses voos.

Tinham-se saído bem, pensou Cam, enquanto faziam algo que ambos amavam. Voar estava-lhes no sangue. Conheceram-se na academia da força aérea e, ainda que Bret estivesse um ano à frente de Cam, tornaram-se amigos e a amizade manteve-se ao longo de várias missões, de diferentes percursos de carreira, de diferentes colocações. Enfrentaram juntos três divórcios, dois para Bret e um para Cam, e uma série de namoradas. Quase sem realmente o planearem, decidiram, por telefonemas e e-mails, começar um negócio juntos quando deixassem a vida militar. O tipo de negócio nunca esteve em questão. Um pequeno serviço de aviões fretados parecia assentar-lhes na perfeição.

A empresa prosperara. Empregavam agora três mecânicos, um piloto a tempo parcial, uma equipa de limpeza com um elemento em tempo parcial e outro a tempo inteiro, e a Indispensável Karen, que os governava a todos com punho de ferro e com uma total falta de tolerância para assuntos de merda. Os lucros eram razoáveis e ambos ganhavam bom dinheiro. Os voos quotidianos não permitiam as emoções do voo militar, mas Cam não precisava de adrenalina para gozar a vida. Bret, claro, era diferente. Os pilo-

tos de caça viviam para o perigo, mas conseguira ajustar-se e obtinha doses esporádicas de drama por se ter juntado à Patrulha Aérea Civil.

Também tinham tido sorte na localização. O aeródromo era perfeito para as suas necessidades. Acima de tudo, era conveniente para a sede do *Grupo Wingate*, o principal cliente da *J&L*. Sessenta por cento dos voos que efectuavam eram ao serviço da *Wingate*, sobretudo para transportar executivos de topo de um ponto para o outro, apesar de, por vezes, a família usar a *J&L* para deslocações privadas. Além da conveniência, o aeródromo oferecia também boa segurança e um terminal acima da média em que a *J&L* tinha o seu escritório de três divisões. Tinham sido os contactos de Bret a conseguir o contrato da *Wingate* e era ele quem habitualmente fazia as viagens da família, enquanto Cam se ocupava das gravatas. O acordo agradava-lhes a ambos porque Bret se dava melhor com a família do que Cam. O Sr. Wingate fora um bom tipo, mas os filhos eram umas bestas e a esposa troféu que deixara para trás era tão calorosa e simpática como um glaciador.

Cam saiu do *Suburban*. Era um homem alto e de ombros largos e o carro grande assentava-lhe bem, dando-lhe o espaço para as pernas e para a cabeça de que precisava. Atravessando o parque de estacionamento com passos descontraídos e vagarosos, entrou pela porta privativa na parede lateral do edifício do terminal, usando o cartão de identificação para a destrancar. Um corredor estreito conduzia ao escritório, onde Karen estava sentada, dedilhando afincadamente o teclado do computador. Sobre a sua secretária, uma jarra com flores frescas exalando uma fragrância que se mesclava com a do café. Tinha sempre flores, apesar de Cam suspeitar que era ela própria a comprá-las. O namorado, um profissional da luta-livre barbudo, motociclista e habitualmente vestido de cabedal negro, não parecia o tipo de homem que compraria flores. Cam sabia que estava próxima dos trinta anos, sabia que gostava de pintar madeixas negras no cabelo ruivo curto e que garantia fluidez perfeita nos trabalhos do escritório. O que fosse além disso, receava perguntar. Bret, por outro lado, constituíra como missão da sua vida desvendar o indesvendável e provocava-a sem descanso.

— Bom dia, princesa — saudou-a Cam porque, afinal, também tinha direito a provocá-la um pouco.

Voltou-se do monitor e semicerrou-lhe os olhos, regressando ao trabalho. A distância que separava Karen da boa-disposição matinal era semelhante à que separava Seattle de Miami. Certa vez, Bret partilhou a teoria de que Karen tinha um emprego secundário como cão de guarda numa sucata porque era má como um e não se tornava razoavelmente humana até cerca das nove horas. Karen não disse nada, mas o correio pessoal de Bret desapareceu durante mais de um mês até perceber o motivo e pedir desculpa,

momento em que o correio voltou a aparecer, deixando-o com um mês de atraso no pagamento das contas.

Optando pela cautela e não pelo arrojo, Cam não lhe disse mais nada. Ao invés, serviu-se de café e caminhou até à porta aberta do gabinete de Bret.

— Chegaste cedo — disse, encostando-se à ombreira da porta.

Bret olhou-o com azedume.

— Não foi por querer.

— Quer dizer que a Karen te ligou para cá vires? — Atrás dele, Cam ouviu um som que poderia ser riso ou um rosnado. Com Karen era difícil de distinguir.

— Quase tão mau como isso. Um idiota qualquer esperou até ao último minuto para marcar um voo às oito.

— Não lhes chamamos idiotas — disse automaticamente Karen. — Mandei-lhe um memorando. Preferimos dizer «clientes».

Bret bebia um gole de café enquanto ela falava e a sua reacção situou-se algures entre um engasgo e uma gargalhada.

— Clientes — repetiu. — Percebido. — Indicou a folha de papel em que tinha estado a escrever e que Cam reconheceu como um formulário de marcação de voo. — Liguei ao Mike para fazer esta tarde a viagem até Spokane no *Skylane*. — Mike Gardiner era o seu piloto em tempo parcial. — Isso libertar-me-á para levar o *Mirage* até Los Angeles se quiseres ir a Eugene no *Skyhawk*. Ou podemos trocar se preferires Los Angeles.

O primeiro a chegar ao escritório teria de começar a papelada e essa era uma das razões para Bret raramente chegar tão cedo. Distribuía os aviões disponíveis de acordo com a duração dos voos, o que fazia sentido porque poupava tempo não terem de parar para reabastecer. Normalmente, Cam preferiria a viagem até Los Angeles, mas já fizera um par de viagens longas naquela semana e precisava de uma pequena pausa. Também precisava de horas num dos *Cessna*. Voava tanto no *Lear* e no *Piper Mirage* que precisava de se esforçar para conseguir horas nos aviões mais pequenos.

— Não. Está perfeito assim. Preciso das horas. O que há amanhã?

— Só dois voos. Amanhã também terei de acordar cedo. Levo a Sra. Wingate a Denver para começar as férias. Volto sem ocupantes para cá, a não ser que consiga arranjar alguma coisa. O outro é... — Fez uma pausa, procurando entre os papéis sobre a secretária o contrato escrito por Karen.

— Um transporte de carga até Sacramento — disse Karen do lado de fora do gabinete, não se dando ao trabalho de fingir que não estava a escutar.

— Um transporte de carga até Sacramento — ecoou Bret, sorrindo, como se Cam não tivesse ouvido perfeitamente. O rosnado voltou ouvir-se.

Bret rabiscou uma nota e fê-la deslizar sobre a secretária. Cam aproximou-se, colocou um dedo sobre o papel e voltou-o ao contrário.

«Pergunta-lhe se está vacinada contra a raiva», lia-se.

— Claro — disse, erguendo a voz. — Karen, o Bret quer que lhe pergunte se...

— Cala-te, sacana! — bradou Bret, pondo-se de pé e esmurrando Cam no ombro para o impedir de completar a frase. Rindo, Cam saiu e dirigiu-se para o seu gabinete.

Karen voltou a semicerrar-lhe os olhos.

— O Bret quer que me pergunte o quê? — perguntou.

— Esqueça. Não era importante — disse Cam, fingindo-se inocente.

— Aposto que não — murmurou ela.

O telefone tocou quando se sentou e, apesar de, tecnicamente, atender as chamadas ser uma das responsabilidades de Karen, ela estava ocupada e ele não. Pressionou o botão e atendeu.

— *Transporte Aéreo Executivo.*

— Fala Seth Wingate. A minha madrasta marcou um voo para amanhã?

O homem falava com voz brusca, irritando Cam, mas conseguiu manter neutral o tom da resposta.

— Marcou, sim.

— Para onde?

Cam gostava de poder dizer ao idiota que o destino da Sra. Wingate não lhe dizia respeito, mas, em termos práticos, idiota ou não, era um Wingate e teria muito a dizer na continuação da *J&L* como colaboradora do *Grupo Wingate*.

— Denver.

— Quando regressa?

— Não sei a data precisa, mas creio que será dentro de duas semanas.

A única resposta foi o fim brusco da chamada sem sequer um «obrigado», um «vá-se lixar» ou qualquer outra coisa.

— Palhaço — murmurou, pousando o auscultador.

— Quem?

A voz de Karen infiltrou-se pela porta aberta. Haveria alguma coisa que não ouvisse? O mais bizarro era que o matraquear das teclas nunca parava, nunca hesitava. A mulher era assustadora.

— Seth Wingate — respondeu.

— Estamos de acordo, chefe. Estava a controlar a Sra. Wingate, não é? Gostava de saber porquê. Esses dois não morrem de amores.

Não era surpreendente. A Sra. Wingate original, que conhecera bre-

vemente mas com quem simpatizara muito, morrera menos de um ano antes de o Sr. Wingate casar com a sua assistente pessoal, mais jovem do que os seus dois filhos.

— Talvez planeie uma festa na casa enquanto ela estiver fora.

— Isso seria infantil.

— Ele também é.

— Terá sido provavelmente por isso que o Sr. Wingate, o velho, a deixou a administrar o dinheiro.

Surpreendido, Cam levantou-se e assomou à porta.

— Está a brincar — disse, falando-lhe para as costas.

Karen olhou sobre o ombro, mantendo os dedos no seu voo sobre as teclas do computador.

— Não sabia?

— Como poderia saber? — Nenhum dos membros da família ou dos executivos do grupo discutia finanças pessoais com ele e não acreditava que o fizessem com Karen.

— Eu sei — afirmou ela.

Sim, mas você é assustadora. Conteve as palavras antes que a boca lhe colocasse o couro em sério risco. Karen tinha as suas formas de descobrir coisas.

— Como descobriu?

— Ouvi coisas.

— Se é verdade, não admira que não morram de amores um pelo outro. — Aliás, se estivesse no lugar de Seth Wingate, seria provável que também se comportasse como um sacana para com a sua madrasta.

— É verdade. O velho Sr. Wingate era um tipo esperto. Pense nisso. Deixaria Seth ou Tamzin encarregues da gestão de milhões e milhões de dólares?

Cam teve de pensar durante cerca de um milésimo de segundo para responder.

— Não me parece.

— Nem a ele. E gosto dela. É esperta.

— Espero que seja suficientemente esperta para ter mudado as fechaduras quando o Sr. Wingate morreu — disse Cam. E para olhar por cima do ombro ocasionalmente porque não estranharia que Seth Wingate lhe cravasse uma faca nas costas, se tivesse oportunidade para o fazer.

O telefone acordou Cam na manhã seguinte e tateou para o encontrar sem abrir os olhos. Talvez fosse engano. Se não abrisse os olhos, conseguiria voltar a dormir até soar o alarme do seu relógio de pulso. Sabia por experiência que, com os olhos abertos, mais valeria levantar-se porque o sono não regressaria.

— Estou?

— Chefe, vista as calças e corra para aqui.

Karen. Merda. Esqueceu-se de manter os olhos fechados e endireitou-se de um salto, enquanto uma descarga de adrenalina lhe limpava as teias do cérebro.

— O que se passa?

— O idiota do seu sócio apareceu aqui com os olhos tão inchados que quase não consegue ver. Mal consegue respirar e acha-se em condições de voar para Denver hoje.

Ao fundo, Cam ouviu uma voz grave e rouca, que não se parecia nada com Bret, dizer algo ininteligível.

— Foi o Bret?

— Sim. Quer saber porque lhe chamo «chefe» a si e «idiota» a ele. Porque há coisas que são evidentes, claro — ripostou ela, obviamente respondendo a Bret. Voltando a dirigir-se a Cam, disse: — Liguei ao Mike, mas não consegue chegar aqui a tempo do voo para Denver e, por isso, dou-lhe o seu voo para Sacramento e terá de se preparar.

— Vou a caminho — disse, desligando e correndo para a casa de banho. Tomou banho e barbeou-se em quatro minutos e vinte e três segundos, vestiu um dos seus fatos pretos, pegou no chapéu e na mala de viagem que mantinha sempre preparada para quando havia emergências como aquela e saiu em seis minutos. Voltou atrás para desligar a máquina de café, programada para começar a funcionar dentro de uma hora e, depois, porque não sabia se teria tempo para o pequeno-almoço, trouxe algumas barras de cereais do armário e guardou-as no bolso.

Merda, merda, merda. Praguejou entredentes enquanto seguia pelo trânsito matinal. O passageiro daquele dia seria a gélida viúva Wingate. Bret dava-se bem com ela, mas também era verdade que se dava bem com quase qualquer pessoa. Das poucas vezes que Cam tivera o azar de estar perto dela, comportara-se como se tivesse um pau enfiado no cu e como se ele fosse um insecto esmagado no pára-brisas da sua vida. Já antes lidara com o seu tipo nas forças armadas. Não lhe agradara então e continuava a não

agradar. Manteria a boca fechada nem que isso o matasse, mas, se ela lhe dissesse alguma coisa menos agradável, teria a viagem mais atribulada da sua vida. Fá-la-ia vomitar as entranhas no caminho para Denver.

A viagem foi rápida. Vivia nos arredores de Seattle e, além disso, afastava-se da cidade em vez de se dirigir para ela e o seu lado da estrada estava relativamente desimpedido, enquanto o outro continha uma massa compacta de veículos. Arrumou o carro no seu lugar apenas vinte e sete minutos depois de ter desligado o telefone.

— Foi rápido — disse Karen, quando entrou no escritório, trazendo a mala na mão. — As más notícias não acabaram.

— Venham elas. — Pousou a mala e encheu uma chávena de café.

— O *Mirage* está a ser reparado e o Dennis diz que não estará pronto a tempo do voo.

Cam ficou em silêncio, passando em revista os pormenores logísticos. O *Mirage* teria conseguido chegar a Denver sem reabastecer. O *Lear* também, obviamente, mas usavam-no para grupos e não para um único passageiro. Além disso, apesar de conseguir pilotar o *Lear* sozinho, preferia ter um co-piloto. Nenhum dos *Cessna* possuía o alcance necessário, mas o *Skylane* tinha um tecto de serviço de cerca de dezoito mil pés, enquanto que o tecto do *Skyhawk* era de treze e meio. Alguns dos picos montanhosos do Colorado alcançavam os catorze mil e a escolha de aeronave era simples.

— O *Skylane* — disse. — Reabasteço em Salt Lake City.

— Foi o que pensei — disse Bret, saindo do seu gabinete. Tinha a voz tão rouca que falava como um sapo com o nariz entupido. — Disse à equipa para o preparar.

Cam ergueu os olhos. Karen não tinha exagerado o estado de Bret. Quanto muito, a descrição tinha-o favorecido. Os olhos estavam vermelhos e tão inchados que se via apenas uma estreita faixa da íris azul. Tinha a cara manchada e respirava pela boca. O seu aspecto geral era terrível e, avaliando pela sua expressão miserável, sentir-se-ia igualmente mal. Fosse o que fosse que tinha, Cam não queria ser contagiado.

— Não te aproximes mais — advertiu Cam, erguendo a mão como um polícia de trânsito.

— Já o vaporizei com *Lysol*¹ — disse Karen, olhando Bret do outro lado do escritório. — Uma pessoa ponderada, com um pouco de bom-senso, teria ficado em casa e ligado em vez de vir trabalhar e espalhar os seus germes.

— Eu consigo pilotar — esforçou-se por dizer Bret. — É você quem insiste no contrário.

¹ Produto desinfectante de limpeza. (N. do T.)

— Certamente a Sra. Wingate quereria passar cinco horas trancada num avião minúsculo consigo — disse, com sarcasmo. — Eu não quero passar cinco minutos no mesmo escritório. Vá para casa.

— Apoio essa proposta — rosnou Cam. — Vai para casa.

— Tomei um descongestionante. — Silvou Bret em protesto. — Só que ainda não começou a actuar.

— Então não actuará até à hora do voo.

— Tu não gostas de voar com a família.

«Sobretudo com a Sra. Wingate», pensou Cam. Em voz alta, disse:

— Não tem grande importância.

— Ela gosta mais de mim.

Bret parecia agora um miúdo amuado, mas amuava sempre quando algo interferia com o seu plano de voos.

— Conseguirá aguentar-me durante cinco horas — disse Cam, sem baixar a guarda. Se ele conseguia, ela também. — Estás doente. Eu não. Fim da discussão.

— Consegui-lhe os boletins meteorológicos — disse Karen. — Estão no seu computador.

— Obrigado. — Indo para o seu gabinete, Cam sentou-se à secretária e começou a ler. Bret manteve-se atravessado na porta, parecendo não saber o que fazer consigo mesmo. — Pelo amor de Deus — disse Cam —, vai ao médico. Parece que te acertaram com *spray* pimenta. Podes estar com uma reacção alérgica a alguma coisa.

— Está bem. — Espirrou violentamente e não conseguiu parar de tossir.

De onde estava sentado, não conseguia ouvir Karen, mas ouviu um silvo e, em seguida, Bret ficou envolto numa nuvem. — Ora bolas — protestou o doente, abanando os braços para dissipar a nuvem. — Respirar isto não pode fazer bem a ninguém.

Karen limitou-se a vaporizá-lo novamente.

— Desisto — murmurou ele, após alguns segundos a abanar os braços, um esforço fútil porque a nuvem parecia ganhar o duelo. — Vou-me embora. Mas, se ficar com problemas pulmonares e morrer porque me cobriste com esta porcaria, estás despedida!

— Se estiver morto, não poderá despedir-me. — A última palavra foi sua, falando para as costas de Bret enquanto este saía do escritório, batendo com a porta.

Após um momento de silêncio, Cam disse:

— Mais *spray*. Em tudo o que tocou.

— Vou precisar de uma lata nova. Esta está quase vazia.

— Quando voltar, compro-te uma caixa.

— Por agora, vou vaporizar as maçanetas em que tocou. Mas fique fora do gabinete dele.

— E a casa de banho?

— Não entro na casa de banho dos homens. Costumava pensar que os homens eram humanos, mas entrei numa casa de banho masculina uma vez e quase desmaiei com o choque. Se entrasse noutra, acabaria por sofrer de problemas psicológicos. Se quiser a casa de banho vaporizada, terá de ser você a fazê-lo.

Ponderou por um momento o pormenor vagamente inacreditável de que era ela quem trabalhava para eles e, a seguir, considerou também as probabilidades de o escritório cair no mais completo caos se ela lá não estivesse. Aliás, não era uma questão de probabilidade. Ela certificar-se-ia de que seria esse o resultado. Pensando estes dois pontos, concluiu que vaporizar a casa de banho não integrava a lista de deveres de Karen.

— Agora não tenho tempo.

— A casa de banho não sai do sítio. E eu uso a das senhoras. — Ou seja, não importava que a dos homens fosse desinfectada ou não.

Cam olhou pela porta aberta, percebendo apenas agora que muitas das suas conversas decorriam consigo no gabinete e com ela no espaço exterior e que, na maior parte do tempo, não a conseguia ver de todo.

— Vou mandar instalar um grande espelho redondo — disse. — Mesmo ao lado da porta.

— Porquê?

— Para poder vê-la quando falar consigo.

— Porque quer fazer uma coisa dessas?

— Para ver se está a sorrir.

Cam guardou a sua mala no compartimento da bagagem e, a seguir, inspeccionou o *Skylane*, andando em seu redor, procurando algo que estivesse solto ou gasto. Puxou, abanou, pontapeou. Trepou ao *cockpit* e passou em revista os procedimentos anteriores ao voo, marcando cada item com um visto na lista presa numa prancheta. Conhecia os procedimentos de cor e conseguiria efectuá-los a dormir, mas nunca confiava apenas na sua memória. Um momento de distração e poderia escapar-lhe algo de crucial. Conferiu a lista para se certificar de que nada fora esquecido. Quando estivesse a três mil metros de altitude, seria tarde demais para descobrir que alguma coisa não funcionava.

Olhando o relógio, percebeu que estava quase na hora a que a Sra. Wingate deveria chegar. Ligou o motor, ouvindo o som aumentar gradualmente de intensidade e regularizar-se. Verificou as leituras dos instrumentos nos monitores, voltou a conferir que todos os dados estavam normais e

consultou o tráfego regional antes de se dirigir para o portão de rede metálica na parte dianteira do aeródromo, onde recolheria o passageiro. Pelo canto do olho, notou um movimento e olhou nessa direcção, apenas durante tempo suficiente para perceber que um *Land Rover* verde-escuro parava no local de estacionamento mais próximo.

Vê-la no *Land Rover* era sempre uma surpresa. A Sra. Wingate não parecia ser o tipo de mulher que apreciava veículos utilitários. Se a encontrasse pela primeira vez, diria que a sua preferência recairia em modelos luxuosos de grande dimensão, não do tipo desportivo, mas daqueles que outra pessoa conduziria enquanto ela se sentava no banco de trás. Ao invés, era sempre ela a conduzir, quando se tratava de um veículo de tracção às quatro rodas, manobrando como se pretendesse atravessar um campo a qualquer momento.

Não havia tempo a perder. Normalmente, Bret já estaria junto ao portão e ajudá-la-ia a arrumar a bagagem. Cam notou a forma como se manteve de pé por um momento, observando enquanto o *Skylane* se aproximava, antes de fechar a porta e contornar o carro para começar a retirar a bagagem. Ainda estava a uns bons cinquenta metros do portão. Era impossível chegar a tempo.

Ótimo. Seria provável que estivesse já irritada no início do voo porque não havia ninguém para a ajudar. Por outro lado, não precisara de espremer de nariz no ar até chegar alguém.

Quando conseguiu finalmente posicionar o avião, desligou o motor e saiu. Enquanto se voltava para o portão, viu-a saindo do terminal, arrastando uma mala atrás de si com uma mão enquanto usava a outra para segurar uma grande bolsa. Surpreendentemente, era Karen que vinha com ela, puxando mais duas malas.

A Sra. Wingate observou-o enquanto se aproximava e voltou-se para Karen.

— Pensava que seria Bret o meu piloto — disse no seu tom de voz frio e neutro.

— Está doente — explicou Karen. — Confie em mim. Não quereria estar perto dele.

A Sra. Wingate não permitiu que gesto ou expressão traísse o que pensava.

— Claro que não — replicou, com brevidade e com os olhos completamente ocultos pelos óculos escuros que trazia.

— Sra. Wingate — cumprimentou-a Cam quando conseguiu alcançá-las.

— Comandante Justice. — Atravessou o portão mal o abriu.

— Permita-me que lhe leve a bagagem.

Em silêncio, libertou a mala antes mesmo que a mão dele se aproximasse da pega. Seguindo o seu exemplo, Cam não falou enquanto guardava as outras duas malas no compartimento da bagagem, questionando-se se ela teria deixado alguma roupa no armário. As malas eram tão pesadas que, num voo comercial, teria pago uma taxa avultada.

Quando havia apenas um passageiro, era frequente que optassem por se sentar a seu lado em vez de ocuparem os bancos dos passageiros atrás do *cockpit*, em parte porque conversar era mais fácil através dos auscultadores do co-piloto. Ajudou a Sra. Wingate a entrar no avião, apoiando-a enquanto subia a escada e, no interior, viu-a sentar-se no banco atrás dele, mostrando claramente que não tinha qualquer intenção de conversar.

— Poderia sentar-se do outro lado, por favor? — instruiu, num tom de voz que transformava o pedido numa exigência, apesar do «por favor» que acrescentara.

Ela não se moveu.

— Porquê?

Cam estivera na força aérea durante quase sete anos, mas os hábitos militares estavam de tal forma entranhados que quase lhe berrou para se mexer imediatamente, o que teria como resultado provável o cancelamento do contrato no espaço de uma hora. Teve de cerrar os dentes, mas conseguiu dizer num tom relativamente cordial:

— O peso ficará melhor distribuído se nos sentarmos em lados opostos.

Em silêncio, viu-a passar para o banco do lado direito, colocando o cinto de segurança. Abrindo a bolsa, retirou um livro grosso de capa dura e escondeu-se de imediato atrás dele, apesar de as lentes dos óculos serem tão escuras que Cam duvidava que conseguisse ler uma palavra. De qualquer forma, a mensagem foi compreendida com clareza: «Não fale comigo.» Ótimo. Tinha tanta vontade de falar com ela, como ela teria de falar com ele.

Ocupou o seu lugar, fechou a porta e colocou os auscultadores. Karen acenou antes de regressar ao interior. Depois de ligar o motor e verificar que todas as leituras estavam normais, deslizou até à pista. Em nenhum momento, mesmo durante a descolagem, a Sra. Wingate ergueu os olhos do seu livro.

Sim, pensou Cam, amargamente. Seriam umas cinco horas muito longas.

Perfeito, pensou Bailey assim que viu o comandante Justice descer do *cockpit* do *Cessna* e caminhar até ao portão. Era impossível confundir a figura alta e de ombros largos com Bret Larsen, o piloto que habitualmente a acompanhava nas suas viagens. Bret era alegre e sociável enquanto o comandante Justice era sisudo e reprovador. Desde que casara com Jim Wingate, tornara-se mais sensível aos momentos em que essa atitude lhe era dirigida e, apesar de não se considerar sensível, não conseguia evitar sentir-se irritada.

Estava farta de ser vista como uma exploradora sem coração que se aproveitara de um homem doente. Tudo aquilo fora ideia de Jim e não sua. Sim, era verdade que o fazia pelo dinheiro, mas merecia o salário que recebia todos os meses. Não só as heranças de Seth e Tamzin estavam seguras sob sua gestão, como também cresciam a ritmo saudável. Não era nenhum génio financeiro, mas tinha boa cabeça para investimento e compreendia os mercados. Jim achara-a um pouco conservadora em demasia nos seus investimentos pessoais, mas, para a preservação de fundos, era precisamente esse tipo de postura que considerava desejável.

Achou que poderia publicar um anúncio num jornal explicando tudo, mas porque deveria justificar-se? Que se lixassem.

Era uma filosofia facilmente aplicável com os amigos de Jim, agora demasiado bons para socializar com ela, e agradava-lhe não ter de passar tempo com eles. De qualquer forma, nunca os vira como amigos seus. No entanto, tinha de passar várias horas enfiada num avião pequeno com o Sr. Ranzinza. A alternativa seria cancelar o voo e esperar pelas melhoras de Bret ou marcar passagem num voo comercial para Denver.

A ideia era tentadora. Mas não poderia atrasar-se para o voo seguinte, presumindo que conseguiria chegar ao aeroporto a tempo, e o seu irmão e cunhada já iam a caminho de Denver, vindos do Maine. Supostamente, Logan teria um carro todo-o-terreno alugado e pronto a partir quando o voo dela chegasse. Às oito daquela noite, eram esperados no local escolhido para duas semanas de descida de rápidos. Bailey achara a ideia maravilhosa. Duas semanas sem rede telefónica, sem olhares de frieza ou desaprovação e, acima de tudo, sem Seth ou Tamzin.

A descida de rápidos era o passatempo preferido de Logan. Conhecera Peaches, a sua mulher, enquanto remavam. Bailey experimentara o desporto nos seus dias de faculdade e agradara-lhe. Por isso, aquela parecia a forma ideal de passar algum tempo com eles. Tinha a família dispersa e,

como nunca lhe agradaram as reuniões familiares, não os via com frequência. O pai vivia no Ohio com a sua segunda mulher. A mãe, cujo terceiro marido morrera quase quatro anos antes, vivia na Florida com a irmã do segundo ex-marido, também viúva. A irmã mais velha de Bailey, Kennedy, estava perdida algures no Novo México. Logan, dois anos mais novo, era o mais próximo de Bailey, mas não o via desde o funeral de Jim. Ele e Peaches haviam sido os únicos familiares presentes. Peaches era um amor e a preferida de Bailey entre todos os parentes por afinidade.

A ideia da viagem fora de Peaches e tinha havido uma troca frenética de e-mails durante vários meses enquanto trabalhavam os pormenores. O plano era alugarem o equipamento de maior dimensão necessário para acampar durante duas semanas nas margens do rio, como as tendas, fogões de campanha e lanternas, e comprariam comida, água e outras coisas essenciais (papel higiénico, por exemplo) em Denver. Mesmo assim, as malas de Bailey estavam preenchidas com coisas de que achava poder precisar.

A sua experiência limitada com a descida de rápidos ensinara-lhe que seria melhor trazer algo de que não precisasse do que precisar de algo que não tivesse trazido. Na segunda das suas duas aventuras anteriores, o período chegara-lhe com alguns dias de antecedência, apanhando-a inteiramente desprevenida. O que deveria ter sido divertido transformou-se em tortura, porque teve de usar as meias como absorventes, o que implicava ter pés frios e molhados durante toda a viagem. Não tinha qualquer graça. Daquela vez, esquadrinhara antecipadamente catálogos de produtos de viagem e encomendara tudo aquilo que imaginava poder ser útil como, por exemplo, um conjunto de escovas de dentes descartáveis em esponja, um baralho de cartas à prova de água e uma luz de leitura.

Logan iria censurá-la pelo excesso de bagagem, mas Bailey seria a última a rir se ele viesse a precisar de algum elemento do seu espólio. Tinha mesmo um pequeno rolo de adesivo para o caso de a tenda ter uma fuga, algo que também lhe acontecera na miserável expedição anterior. Gostava de navegar em águas revoltas e, quando estava no bote, ficar molhada e ter frio fazia parte da diversão, mas, fora do bote, ansiava pelos confortos do lar. Podia ser demasiado menina, mas estava certa de que Peaches preferiria os toalhetes de aloé às alegrias da lavagem pessoal com um balde de água do rio e uma barra de sabão.

Ansiara tanto pela viagem que não conseguia suportar a possibilidade de atraso, mesmo que chegar a tempo implicasse suportar a companhia do comandante Justice. Sentia vontade de roncar de desprezo sempre que ouvia o nome. Comandante Justice. Por amor de Deus. Parecia o título de um livro de banda desenhada.

Enfiara as suas três malas no compartimento da bagagem sem sequer

um gemido de esforço, mas, apesar de a expressão facial parecer talhada na pedra, Bailey sabia em que pensava. Que enfiara nas malas o conteúdo inteiro do seu armário. Se fosse humano, teria, pelo menos, parecido um pouco incrédulo ou ter-lhe-ia perguntado se tinha pedras lá dentro. Bret teria grunhido e ter-se-ia comportado como se as malas pesassem mais do que pesavam na realidade, aproveitando para fazer uma piada. O Sr. Cara de Pau não. Nunca o vira sequer sorrir.

Quando a ajudara a subir para o avião, a mão firme fora tão inesperada que Bailey quase vacilou. Ocorreu-lhe que Bret não a ajudava. Apesar do seu jovial espírito de camaradagem, era muito cuidadoso para não ultrapassar os limites pessoais dela e que se tinham expandido de forma significativa desde que casara com Jim. Deixara de confiar na maior parte das pessoas, o que a tornava rígida e inacessível. Ou o comandante Justice não tinha notado os seus sinais de «não tocar» ou simplesmente não se importava. A mão era forte e mais áspera do que as dos executivos e financeiros com que normalmente se associava. O choque de ser tocada e o calor da mão chegaram mesmo a acelerar-lhe o ritmo cardíaco.

Sentia-se tão perturbada que mal ouviu a sua ordem para mudar de lugar. Assim que pôs o cinto no banco que lhe foi indicado, procurou o livro e fingiu-se absorvida na leitura, enquanto se repreendia mentalmente.

Seria patética ao ponto de reagir com tamanha prontidão ao simples toque da mão de um homem? E não de um homem qualquer, mas de um homem que não escondia não simpatizar com ela. Era verdade que o amor da sua vida era inexistente naquele momento e assim permaneceria enquanto tivesse de lidar com os filhos de Jim porque se recusava a fornecer-lhes munições ou alvos. Também era verdade que, em determinadas alturas, se sentia incrivelmente carente a nível sexual, mas esperava ter orgulho suficiente para nunca o revelar a alguém como Justice, fazendo-o pensar que se teria em tão pouca estima que qualquer homem serviria.

O pior de tudo era que, fisicamente, era um homem atraente, ainda que não fosse bonito. Não era bonito porque a sua face era demasiado máscula para isso, mas era decididamente... atraente. Havia algo de cativante nos olhos cinzentos e os seus eram de uma tonalidade um pouco mais clara do que o habitual, marcados por um resquício ténue de azul. A expressão naqueles olhos era fria e distante, como se não tivesse quaisquer sentimentos.

Seria, obviamente, um bom amigo de Bret, apesar de não conseguir imaginá-lo a partilhar uma amizade real com alguém. No entanto, quando Bret falava sobre ele, parecia realmente gostar de Justice e respeitá-lo. «Um grande piloto», fora assim que o descrevera certa vez. «Completamente frio. Juro que não tem um nervo no corpo todo. Conseguiria manter um KC-10 estável num furacão sem sequer suar.»

Bailey sentira-se suficientemente curiosa para, mais tarde, pesquisar na internet o que era um KC-10.

Conseguia agora imaginá-lo aos comandos de um enorme avião de abastecimento, mantendo-o firme enquanto avião atrás de avião se aproximavam por trás para se reabastecerem de combustível. Não lera o suficiente para perceber como funcionava, mas não lhe parecia que fosse fácil, sobretudo a centenas de quilómetros por hora, à mercê dos ventos que sopravam nas alturas.

Emergiu dos seus pensamentos ao perceber que deixara de olhar para o livro e passara a olhar fixamente para as mãos dele, tão seguras e firmes sobre os comandos. Assustada, voltou a baixar os olhos. Graças a Deus, tinha os óculos postos e ele não conseguiria perceber que o olhava, apesar de ser possível que se questionasse como conseguiria ler através das lentes escuras. Não conseguia, mas ele não precisaria de o saber.

Sentiu-se desconfortável e insegura, o que não era comum. Precisava de descontraír e pensar noutras coisas. Se retirasse os óculos, seria capaz de ler e o livro era bom, mas, quando ergueu a mão para os retirar, rapidamente os recolocou no sítio original. Eram um bom escudo e sentiu que precisava de um.

Muito bem. Não poderia ler. Talvez uma sesta?

Era demasiado cedo. A manhã nem ia a meio. Podia fingir que dormia, tal como fingira que lia, mas isso não daria nova orientação aos seus pensamentos.

Se tivesse trazido o computador, poderia jogar algum jogo, mas deixara-o em casa. Não teria acesso à internet durante as duas semanas seguintes e, depois de a bateria se esgotar, o computador seria apenas um peso inútil que teria de arrastar atrás de si, a não ser que quisesse carregar-se com baterias adicionais. E não queria. Não quando já levava tanta coisa. O guia teria veículos para transportar o material e os mantimentos de local em local, mas havia três botes, cada um com capacidade para seis pessoas e, por isso, era necessário espaço para transportar o equipamento de dezoito pessoas. Esperou que os veículos do guia fossem bastante grandes.

Entusiasmava-a a pensar nas duas semanas seguintes. Seria divertido, excitante e, por vezes, perigoso, mas, durante duas semanas, não precisaria de ter cuidado com tudo o que dissesse e não estaria rodeada por pessoas que a desprezavam abertamente ou que a olhavam de lado. Poderia descontraír, rir e divertir-se. Poderia ser ela própria. Durante duas semanas, estaria livre.

Olhou pela janela, vendo a extensa mancha urbana de Washington. Os aviões comerciais eram rápidos, mas preferia voar em aeronaves mais pequenas porque conseguia ver muito melhor de uma altitude inferior. O

zumbido ruidoso do motor era hipnótico e acabou mesmo por dormir um pouco, apoiando a cabeça contra o assento de couro. O sol matinal embatia no vidro do *cockpit*, aquecendo o interior do avião até Bailey se sentir demasiado quente e despir o casaco leve de seda. Não voltaria a usar seda nas duas semanas seguintes, pensou, mal acordada. A capa de seda que trouxera para a eventualidade de o saco-cama se tornar demasiado quente ou frio não contava.

Olhando o relógio, percebeu com surpresa que estavam no ar há quase hora e meia. O tempo parecera arrastar-se, mas talvez tivesse dormido mais do que pensara.

— Onde estamos? — perguntou, erguendo a voz para que ele a ouvisse.

O comandante ergueu os auscultadores de um lado e olhou-a sobre o ombro.

— Desculpe? — disse, com expressão fria e tom minimamente educado.

— Onde estamos? — repetiu.

— A chegar ao Idaho.

Olhou pelo vidro dianteiro e viu enormes montanhas com picos brancos à sua frente. O coração sobressaltou-se e não conseguiu conter o assombro. Estavam em rota de colisão a não ser que o avião pudesse subir mais. Muito mais.

O comandante recolocou o auscultador no lugar, mas Bailey acreditou ter visto uma centelha de satisfação na sua boca. Daquele ângulo não podia ter a certeza, mas, se tinha percebido o seu espanto, estaria divertido. Claro que o avião podia subir mais. Não estariam dentro dele se não pudessem. Estúpida, pensou, irritada.

Recostando-se, olhou as montanhas. Estavam ainda a boa distância, mas o seu tamanho era de tal forma esmagador que pareciam agachar-se à sua frente, como enormes bestas pré-históricas, esperando que chegasse mais perto para se erguerem e saltarem sobre ela.

O que haveria nas montanhas que sempre lhe avivara a imaginação? Na realidade, limitavam-se a permanecer ali, como grandes rugas na terra. Do ar, faziam lembrar um pedaço de papel muito amarrotado e posteriormente alisado sem grande convicção. A não ser que fossem vulcões, as montanhas nunca faziam nada. Assim sendo, porque lhe pareciam sempre tão vivas? «Vivas» não por estarem cobertas de árvores e animais grandes e pequenos, mas como se vivessem realmente e respirassem, cada uma com uma personalidade e comunicando com as restantes. Quando era pequena, pensava que as colinas eram montanhas infantis e que, quando crescessem, se tornariam montanhas e todas as casas construídas sobre elas deslizariam

pela encosta abaixo. Lembrava-se de sentir medo de cada vez que visitava uma casa situada sobre a encosta mais mínima, pensando que, a qualquer instante, o solo começaria a erguer-se sob os seus pés e deslizaria para a morte.

Quando completou dez anos, sabia já que não era possível, mas nunca perdeu a percepção de que as montanhas estavam vivas.

Havia nuvens cinzentas aglomerando-se em diante, revolvendo e crescendo contra as montanhas, enquanto uma qualquer frente atmosférica tentava ganhar ímpeto para as ultrapassar. As velhas senhoras enfeitavam-se, pensou. As nuvens rodeavam os ombros das montanhas como uma boa de penas suja, com os picos nevados erguendo-se acima e os sopés verdejantes abaixo.

Enquanto se aproximavam das montanhas, Justice fez subir o avião. O som do motor mudou enquanto o ar se tornava mais rarefeito. Farripas diáfanas de nuvem envolviam-nos e afastavam-se. O avião atravessava bolsas de ar, estremeçando.

Inclinando-se para a frente, Bailey tentou perceber a altitude assinalada, mas atravessaram nova bolsa de ar e não conseguiu focar os números.

— A que altitude estamos? — perguntou, berrando.

— Treze-quinze — disse Cam, sem retirar as mãos dos comandos e sem olhar para ela. — Vou fazer-nos subir até aos dezasseis.

O ar acalmou quando se ergueram acima da agitada camada térmica. Olhou para baixo, fazendo cálculos de cabeça. Estavam a quatro quilómetros de altitude. O *Titanic* estava submerso no oceano quase à mesma distância de profundidade, a cerca de três quilómetros e meio. Seria uma descida longa, pensou, imaginando o reluzente transatlântico com as luzes apagadas, afundando-se, fracturado e escuro, desprovido de toda a vida. Estremeceu, sentindo um frio repentino, e estendeu a mão para o casaco. Fez uma pausa antes de o vestir, observando a primeira ruga de terra gigante deslizar a seu lado.

O motor soluçou.

Sentiu o estômago cair-lhe como se estivesse numa montanha-russa. Subitamente, o batimento cardíaco estava muito acelerado. Bailey inclinou-se novamente para a frente.

— O que foi isto? — A sua voz estava um pouco tensa, não conseguindo disfarçar algum alarme.

Ele não lhe respondeu. A postura de Justice tinha-se alterado, passando num milésimo segundo da descontração para o alerta total. Isso alarmou-a ainda mais do que a ligeira pausa no zumbido monótono do motor. Segurou-se ao banco, cravando as unhas no couro.

— Passa-se alguma coisa?

— Todas as leituras estão normais — respondeu ele, secamente.

— Então o que...

— Não sei. Vou descer um pouco.

Um pouco não faria mal, pensou, olhando os enormes picos escarpados que pareciam tão próximos do avião e aproximando-se mais. Não podia descer muito ou roçariam os cumes montanhosos. Mas o ruído do motor parecia ter-se normalizado. Se aquele soluço representasse algo sério, não teria continuado?

O motor voltou a soluçar, com intensidade suficiente para fazer estremecer a fuselagem. Bailey sentiu-se gelar no assento, observando o movimento da hélice e ouvindo o motor, desejando que o ruído se normalizasse.

— Continua, continua — suplicou entredentes. — Continua.

Imaginou o ronco contínuo, imaginou as pás da hélice girando tão rapidamente que nem as conseguiria ver. Na sua mente, o avião ergueu-se acima das montanhas. Se conseguisse concentrar-se o suficiente, aconteceria realmente...

O motor vacilou algumas vezes... e parou.

O silêncio foi repentino e completo. Num choque sem palavras, viu o movimento da hélice abrandar, com as pás tornando-se perfeitamente definidas... antes de pararem.

| 5 |

— **Merda!**

O comandante Justice cuspiu a palavra entre os dentes cerrados. As suas mãos moviam-se com rapidez enquanto tentava reactivar o motor e manter o nariz do avião erguido. Estavam tão próximos das montanhas que, se o nariz caísse, o embate seria certo. A paisagem por baixo era uma mistura de contrastes duros e pouco hospitaleiros. Picos e penedos cobertos com uma neve tão branca que era quase azul, sombras tão escuras que eram quase negras. As encostas eram íngremes e afiadas, caindo em ângulos súbitos e quase verticais. Não havia local de aterragem, nada que se aproximasse remotamente de terreno plano.

Bailey não se mexeu nem respirou. Não conseguia. O seu corpo foi tomado por uma terrível paralisia, sentindo-se aterrorizada e indefesa, su-

cumbindo-lhe a voz em seguida. Não havia nada que pudesse fazer para ajudar, nada que pudesse fazer para alterar os acontecimentos. Nem sequer conseguia bradar um protesto. Apenas conseguia observar e esperar pela morte. Iriam morrer. Não via qualquer saída. Em poucos minutos, ou talvez segundos, despenhar-se-iam no pico coberto de neve da montanha. Mas, naquele instante, num precioso momento, pareciam flutuar, como se o avião não tivesse ainda cedido à lei da gravidade ou como se as montanhas jogassem um jogo do gato e do rato, deixando-os sentir uma esperança ténue e irrazoável que em breve iria desaparecer.

— *Mayday! Mayday! Mayday!*

Quase não ouviu Justice falando para o rádio, emitindo o sinal de perigo, transmitindo a identificação do avião e a localização actual. A seguir, praguejou violentamente e silenciou-se enquanto lutava contra o inevitável. O avião caiu de repente, com um movimento que fez o coração de Bailey subir-lhe à garganta. Fechou os olhos com força para não conseguir ver os picos rochosos que se aproximavam a grande velocidade. A seguir, a asa esquerda ergueu-se enquanto a direita mergulhava e rodopiaram para o lado direito numa manobra vertiginosa que a fez engolir de forma convulsiva. Poucos segundos mais tarde, a asa direita ergueu-se e, durante um momento breve, muito breve, permaneceram estabilizados até que a asa esquerda mergulhou e rodopiaram para a esquerda.

Abriu os olhos. Por um momento, não conseguiu focá-los em nada. Tinha a visão difusa e doía-lhe o peito. Apercebeu-se de que sustinha a respiração e, com esforço, expirou, voltando a encher os pulmões de ar. Outro fôlego e a visão clareou o suficiente para lhe permitir que visse Cam. Era tudo o que conseguia ver, como se a sua imagem estivesse ampliada e tudo o resto permanecesse perdido no nevoeiro. Conseguia ver o lado direito do seu maxilar, os músculos em esforço, a película de suor e mesmo as pestanas curvas e a sombra ténue da barba feita há pouco.

Ocorreu-lhe um pensamento doloroso. Seria ele a última pessoa que veria! Voltou a inspirar profundamente. Morreria com ele, com este homem que nem sequer gostava dela. Uma pessoa deveria poder morrer junto de alguém que se importasse. No entanto, o mesmo lhe era aplicável a ele e sentiu uma tristeza profunda por ambos. Estava... estava... O pensamento estilhaçou-se, quando conseguiu focar a sua atenção. Que raio estava ele a fazer? Apercebeu-se, incrédula. Estava a pilotar o avião, com perícia e determinação inabalável e também, possivelmente, com todas as orações que conhecia. O motor estava morto, mas, mesmo assim, continuava a pilotar o maldito avião, conseguindo de alguma forma mantê-lo sob um controlo rudimentar.

— Segure-se — disse ele, bruscamente. — Vou tentar chegar à linha de árvores, mas podemos não conseguir.

Bailey sentiu o cérebro moído, quase incapaz de funcionar. Linha de árvores? Que importava isso? Mas dispersou a névoa cerebral induzida pelo medo tempo suficiente para apertar mais o cinto, pressionando a cabeça contra as costas do assento e segurando-se com as mãos.

Fechou os olhos para bloquear a visão da morte iminente, mas sentia o avião inclinar-se primeiro para um lado, depois para o outro. «Correntes térmicas», pensou, com as duas palavras revelando-se entre o caos na sua cabeça. Usava as correntes térmicas para conseguir elevação e conquistar segundos preciosos. O avião era demasiado pesado para funcionar como um planador, mas as correntes de ar abrandavam parcialmente a queda. Se seria o suficiente para fazer a diferença, não sabia, mas o comandante Justice teria algo em mente, não? Que outro motivo haveria para lutar com tanto afincos para controlar o avião? Se o resultado final fosse o mesmo, para quê o esforço?

Esperando o pior, aguardou o impacto inevitável e o último fragmento de consciência. Desejou que a morte não fosse muito dolorosa. Desejou que os corpos fossem encontrados rapidamente para que a família não tivesse de sofrer ao longo de longas buscas. Desejou... desejou muitas coisas, nenhuma das quais aconteceria.

Sentiu que passara perto de uma hora desde que o motor parara, apesar de, logicamente, saber que tinham sido apenas minutos... não, nem mesmo minutos. Menos de um minuto, seguramente, apesar de parecer um minuto infundável.

Porque levava o avião tanto tempo a despenhar-se?

Era ele. Justice. Era ele o motivo do sofrimento prolongado. Continuava a lutar contra as leis da gravidade, recusando-se a desistir. Sentiu uma vontade irracional de o esmurrar, de dizer: «Pare de arrastar isto!» Quanto tempo resistiria ao terror antes de o seu coração ceder ao esforço? Não que fizesse qualquer diferença, dadas as circunstâncias...

BUM!

O estrondo quase lhe fez saltar os dentes. Seguiu-se um horrendo e ensurdecedor rugido de metal amolgado e o som de junções metálicas a quebrar, seguindo-se novos estrondos e um impacto tão intenso que tudo ficou negro. O cinto de segurança apertava-lhe o ombro de forma quase insuportável. De algum modo, tivera consciência de ser sacudida para a direita e de cair, mas o cinto mantivera-a no local apesar de os braços e pernas se agitarem como os de uma boneca partida. A seguir, o lado direito da sua cabeça embateu contra algo rígido e a treva envolveu-a.

Bailey tossiu.

O cérebro mal registou a reacção involuntária. Alguma coisa estava

mal. Não conseguia obter oxigênio suficiente. Sentiu um alarme vago e tentou mover-se, tentou endireitar-se, mas nem as pernas nem os braços lhe obedeciam. Concentrou-se com força, aplicando toda a sua vontade ao movimento, mas o esforço foi demasiado e voltou a deslizar para a escuridão.

No momento de consciência seguinte, debateu-se e concentrou-se, percebendo finalmente que conseguia mover os dedos da mão esquerda.

A princípio, apercebeu-se apenas de coisas pequenas e imediatas. De como era difícil mover-se, de como lhe parecia que alguém cortava o seu braço esquerdo, da necessidade de voltar a tossir. Sobre tudo isto, havia a dor, insistente e inabalável. Doía-lhe o corpo todo, como se tivesse caído...

Caído. Sim. Tinha caído. Era isso. Lembrava-se de bater...

Não. O avião... O avião despenhara-se.

A compreensão atingiu-a, misturada com espanto e trepidação. O avião despenhara-se, mas ela estava viva. Estava viva!

Não queria abrir os olhos para não perceber a extensão dos seus ferimentos. Se lhe faltassem partes do corpo, não queria saber. Se fosse esse o caso, morreria de qualquer forma com o choque e a perda de sangue naquele cume de montanha isolado, a quilómetros de qualquer salvação. Queria apenas permanecer deitada de olhos fechados e deixar que acontecesse o que quer que fosse. Tudo lhe doía tanto que não conseguia imaginar mexer-se e arriscar uma dor mais intensa.

Mas era irritante a forma como algo interferia com a sua respiração e o braço direito doía-lhe muito no ponto em que algo aguçado se cravava na pele. Precisava de se mover, precisava de se afastar dos destroços. Fogo. Existia sempre o perigo de incêndio num avião despenhado, não? Precisava de se mover.

Gemendo, abriu os olhos. A princípio, não conseguiu focá-los. Via apenas um borrão acastanhado. Pestanejou e, finalmente, o borrão tornou-se uma espécie de tecido. Seda. Era o seu casaco de seda cobrindo-lhe quase toda a cabeça. Laboriosamente, ergueu o braço esquerdo e afastou o casaco, conseguindo descobrir os olhos. Pedacos de vidro tilintaram quando o movimento os desalojou.

Muito bem. O braço esquerdo funcionava. Era positivo.

Tentou endireitar-se, mas havia algo errado. Nada estava onde devia. Fez mais alguns esforços débeis e fúteis para se endireitar e emitiu um gemido de frustração. Em vez de se debater como uma minhoca presa num anzol, precisava de tomar conta da situação, de ver claramente aquilo com que lidava.

A concentração era difícil, mas tinha de se esforçar. Inspirando profundamente, olhou em redor, tentando colocar sentido no que via. Bruma, árvores, vislumbres ocasionais de céu azul. Viu os seus pés. O esquerdo des-

calço. Onde estaria o outro sapato? Então, como um relâmpago, outro pensamento lhe atingiu o cérebro. O comandante Justice! Onde estava? Ergueu a cabeça tanto quanto podia e viu-o de imediato. Estava caído no banco, com a cabeça pendendo para a frente. Não conseguia ver-lhe a cara. Estava coberta por uma torrente de sangue.

Tentou novamente endireitar-se, voltando a cair. A posição confundia-a. Estava deitada no chão da cabina... Não. Não batia certo. Concentrou-se ferozmente, forçando o cérebro a ajustar-se, passando do que esperava para a realidade da sua posição e, subitamente, as coisas começaram a fazer sentido. Continuava presa ao banco e estava deitada contra o lado direito do avião, inclinada num ângulo relativamente pronunciado. Não conseguia endireitar-se porque precisava de se içar para cima e para a esquerda e não poderia fazê-lo a não ser que usasse os dois braços, mas tinha o braço direito preso e não o conseguia libertar a não ser que, primeiro, saísse de cima dele.

Se Justice não estivesse já morto, não lhe restaria muito tempo se não conseguisse colocar-se numa posição que lhe permitisse ajudá-lo. Sair do banco. Era o que precisava de fazer. Com a mão esquerda, tacteou à procura do cinto e abriu a fivela. Liberta, o seu corpo deslizou para fora do banco e caiu com uma pancada dolorosa que a fez voltar a gemer, mas continuava presa pelo ombro. Soltou-se e conseguiu pôr-se de joelhos.

Não admirava que sentisse que o braço direito estava a ser cortado. Estava realmente. Um fragmento triangular de metal projectava-se para fora do seu tricípite. Sentindo uma indignação irracional pelo ferimento, arrancou o fragmento agressor e lançou-a para longe, cambaleando até alcançar Justice. O ângulo em que o avião se encontrava dificultaria o equilíbrio, mesmo que não se sentisse grogue e enfrentando dores e ferimentos, mas apoiou o pé contra a parede lateral da fuselagem e içou-se até conseguir alcançar o espaço apertado entre os dois bancos dos pilotos.

Havia tanto sangue. Estaria morto? Lutara tanto para conseguir aterrar o avião num ângulo que lhes permitisse sobreviver. Não suportava pensar que ele morrera tentando salvar-lhe a vida. Estendeu a mão trémula e tocou-lhe o pescoço, mas o seu corpo estava demasiado afectado pelos ferimentos para conseguir parar de tremer e não percebeu se tinha pulsação ou não.

— Não podes estar morto — murmurou em desespero, mantendo a mão sob o seu nariz, tentando sentir se respirava. Achou que sim e olhou-lhe fixamente o peito. Finalmente, conseguiu ver o movimento ascendente e descendente e o alívio que a inundou foi tão intenso que quase irrompeu em lágrimas.

Estava vivo, mas inconsciente e ferido. Que deveria fazer? Deveria

movê-lo? E se tivesse ferimentos na coluna? Mas e se não fizesse nada e sangrasse até morrer?

Encostou o corpo dorido contra a parte lateral do banco do piloto por um momento.

— Pensa, Bailey! — ordenou a si própria. Precisava de fazer algo. Precisava de lidar com o que sabia estar mal nele e não com o que poderia estar mal. E sabia que perdia muito sangue. Por isso, em primeiro lugar, devia estancar a hemorragia.

Ergueu o olhar, procurando algo a que se pudesse segurar para entrar no *cockpit*, mas não havia nada. Literalmente. A asa esquerda e a maior parte da fuselagem daquele lado tinham desaparecido, arrancadas como se o avião tivesse sido rasgado por um abre-latas gigante. Não havia nada a que pudesse segurar-se, além dos vértices de metal retorcido aguçados como lâminas. Parte de um ramo de árvore partido introduzia-se pela abertura.

Não havia mais nada que pudesse usar e, por isso, segurou-se ao encosto de cabeça do banco de Justice e puxou-se para cima, deslizando entre o que restava do tecto e o topo do assento do piloto. O melhor que conseguiu foi agachar-se, com os pés contra a porta do lado direito.

— Justice — disse, porque lera algures que, por vezes, pessoas inconscientes continuam a conseguir ouvir e reagem um pouco aos seus nomes. Não sabia se era ou não verdade, mas não faria mal.

— Justice! — disse, novamente, com maior insistência, segurando-o pelos ombros e tentando endireitá-lo. Era como puxar um tronco. A cabeça pendeu-lhe para um lado, com sangue escorrendo do nariz e do queixo.

Puxá-lo não resultaria. O cinto de segurança mantinha-o preso no sítio, mas Bailey lutava contra a gravidade. Precisava de desapertar o cinto e tirá-lo do assento, tentando fazê-lo sair do avião.

Daquela forma, fá-lo-ia cair do banco mal o cinto fosse desapertado, mas o avião era pequeno e a distância era de um par de metros no máximo. Mesmo assim, a fuselagem fora amolgada para o lado do co-piloto e um ramo de árvore furara a pele de metal como uma estaca de madeira penetrando o coração de um vampiro. A extremidade aguçada do ramo estava apontada para trás, em vez de apontar para cima, mas não quis correr o risco de o empalar e olhou em redor, procurando alguma coisa com que pudesse cobrir o ramo.

Lembrou-se da sua bolsa, mas não conseguia vê-la. Estava junto a si, do lado esquerdo do banco, e podia ter sido projectada quando a fuselagem se abria. Restava apenas o seu casaco de seda maltratado e manchado de sangue. Voltando-se e gemendo com o esforço, conseguiu alcançar uma manga e puxá-lo para si. Era fino, quase sem peso. A seda era forte, mas,

naquele momento, precisava de volume para cobrir a extremidade aguçada de um ramo e não força preênsil.

A inspiração chegou num repente. Curvou-se para diante e descalçou o sapato que restava, um mocassim de marca que custara muito dinheiro, enfiando-o na ponta de madeira. A seguir, dobrou o casaco e colocou-o sobre o ramo, como acolchoamento adicional.

— Muito bem, Justice. Vamos tirá-lo do banco — disse, com gentileza. — A seguir, tento tirá-lo do avião, mas uma coisa de cada vez. Quando despertar o cinto, vai cair um pouco, talvez um metro. Preparado? — Seria provável que caísse sobre ela, considerando o espaço limitado, deixando-a presa e sem espaço para se libertar. A posição em que estava era realmente má. Suspirando, rastejou sobre o topo do assento e de volta à parte traseira do avião.

Ouviu-se um gemido baixo vindo da garganta dele.

Saltou, tão sobressaltada que quase gritou.

— Graças a Deus — murmurou, cambaleando de volta. Numa voz ligeiramente mais elevada do que o normal, tornou a chamá-lo.

— Justice! Acorde se conseguir. Não consigo retirá-lo do avião sozinha. Precisa de me ajudar se puder. Vou despertar a fivela agora, está bem? — Enquanto falava, tacteou à procura da fivela, deslizando os dedos pelo cinto até encontrar metal. Um deslizar rápido do fecho e Justice caiu como uma pedra, sobre o lado direito, com a cabeça e os ombros contra o chão e as longas pernas ainda sobre o painel de instrumentos e embrulhadas nos comandos.

— Bolas! — resmungou Bailey. A posição não melhorara. Estava de costas para ela e continuava a não conseguir ver grande coisa da sua cara ensanguentada. Nem havia espaço para se enfiar à frente dele e ver de onde vinha todo aquele sangue.

Inspirou fundo várias vezes, pensando em como conseguiria desempenhar a tarefa. O ar que inspirara era frio e intensamente perfumado pelo odor das coníferas. O efeito era semelhante a uma bofetada na cara. Voltou a avaliar a situação em que se encontravam. Não podia arrastá-lo, era demasiado pesado e a inclinação do avião demasiado severa. Por outro lado, se conseguisse abrir a porta do lado do co-piloto, talvez o conseguisse retirar por aí. Examinando o ramo de árvore, viu que entrara na cabina à frente do fecho da porta e, por isso, não era empecilho. Mas, pela forma como o avião estava inclinado, a porta poderia estar bloqueada. Espreitou pelas janelas escurecidas do lado direito, tão riscadas que mal conseguia ver alguma coisa e muito menos perceber se algo bloqueava a porta.

A janela do co-piloto podia abrir-se. Se conseguisse forçá-la... A acção seguiu a intenção, mas o vidro estava preso e não o conseguiu abrir.

Também não conseguia apoiar-se para tentar forçá-lo. Frustrada, ergueu o punho e bateu lateralmente na janela, o que não produziu qualquer efeito além de lhe magoar a mão.

— Bolas! Bolas! Bolas! — exclamou. Se não conseguia abrir a janela, era provável que não conseguisse abrir a porta. — Por outro lado — disse, em voz alta —, porque perco tempo com uma janela quando preciso de abrir a porta? — Se conseguisse abrir a porta, não precisaria da janela.

Sentia que lhe escapavam vários pontos óbvios e que o cérebro funcionava a meio-gás, mas fazia o possível dentro das circunstâncias. Todo o seu corpo lhe doía como se tivesse sido violentamente espancada e o braço sangrava. Pensaria nas coisas quando lhe ocorressem e quem não gostasse podia ir passear.

Ir passear. Muito engraçado. Ha ha. E não havia ninguém para gostar ou desgostar das suas decisões, além de Justice, que não estava em condições para comentar. O seu pequeno festival de comiseração era desperdiçado.

Pernas. As pernas eram muito mais fortes do que os braços e Bailey era mais forte do que a maioria das mulheres, graças a todas as horas que passava a fazer exercício. Conseguia levantar cento e oitenta quilos com aquelas pernas. Não era fraca e não devia pensar como se fosse. Se a porta estivesse presa, talvez conseguisse forçá-la a abrir-se com as pernas.

O corpo longo de Justice estava no caminho, mas achou que conseguia algum apoio. No entanto, antes de se esforçar, debruçou-se e pressionou a pega para verificar se o trinco abria. Sentiu resistência, metal raspando em metal, mas estava à espera disso e tentou com mais força. Finalmente, o trinco cedeu, mas a porta não abriu. Também não a surpreendeu.

Precisava de encontrar uma forma de manter a pega pressionada ou nunca conseguiria pontapear a porta até abrir. Não havia nada a que pudesse atá-la, presumindo que tivesse algo com que pudesse fazê-lo e não tinha. Teria de enfiar qualquer coisa por baixo e, no momento, o material disponível também escasseava.

Talvez houvesse algo debaixo de um dos bancos. As pessoas enfiavam coisas debaixo dos bancos com frequência. Esticando-se, tateou por baixo de cada banco. Nada.

Talvez uma meia servisse. Descalçando uma das meias finas, torceu-a até formar uma corda e passou-a à volta da pega para a manter segura. Contorcendo-se, encaixou-se no banco do co-piloto com o máximo aperto e pressionou os dois pés contra a porta. A posição era incrivelmente desconfortável, mas, usar a meia para segurar a pega permitira-lhe uns centímetros preciosos. Esforçando o ombro e o braço, puxou a meia, sentindo novamente os protestos do metal enquanto cedia. Com a outra mão,

segurou a extremidade dianteira do banco para não ser projectada para trás.

— Por favor — murmurou, começando a empurrar lentamente. Sentiu os músculos das coxas retesarem-se, os músculos mais pequenos em redor dos joelhos endurecendo como pedra com a pressão exercida. Os dedos, cravando-se na borda do assento, começaram a protestar e a escorregar. Segurou-se furiosamente e, com um esforço final, fez tudo o que conseguia para endireitar as pernas.

A porta abriu-se com um guincho, a mão escorregou-lhe do banco e caiu para trás. Voltou a erguer-se rapidamente e com o coração acelerado pela excitação. Sim! Libertando a meia da pega, voltou a calçá-la, encostou os pés à porta e empurrou um pouco mais, conseguindo uma abertura com cerca de trinta centímetros. Conseguiria passar, pensou, triunfante, inclinando-se para a frente para ver se havia algum obstáculo, como uma árvore ou uma rocha. Não viu nada e manobrou até estar deitada de bruços, rastejando junto a Justice e voltando-se de lado até conseguir sair pela porta. O metal raspou-lhe as costas e as ancas, mas conseguiu passar e alcançar o solo coberto de neve.

O frio gélido penetrou-lhe as meias finas. Precisava de calçar sapatos ou meias secas de imediato para afastar o perigo de lesões provocadas pelo frio. Mas os pés teriam de esperar até tratar de Justice.

Examinando a abertura, ponderou o tamanho de Justice. Não caberia. O seu tronco seria provavelmente demasiado amplo. Teria de abrir mais a porta. Segurando-a, puxou até forçar o metal amolgado e teimoso a ceder mais alguns centímetros. Teria de servir, pensou, respirando mais depressa do que gostaria. Tinha de ter cuidado para não se esgotar ou arriscava-se a deixar que a altitude lhe levasse a melhor. Já suava um pouco e isso era perigoso no frio. Vestia um par de calças de tecido fino e solto e um top de seda, além da roupa interior e das meias, que não faziam grande coisa para a manter quente. Tinha muita roupa nas malas, mas chegar até elas exigiria esforço e, em primeiro lugar, precisava de trazer Justice para fora.

Ouviu-o gemer novamente. Recordando a lentidão com que recuperara a consciência, a dificuldade de cada reacção mínima, começou a falar com ele, agachada junto à porta aberta e estendendo-se para dentro, segurando-o por baixo dos braços.

— Justice, tente acordar. Vou puxá-lo para fora do avião. Não sei se tem ossos partidos. Terá de me dizer se o magoo, está bem?

Não houve resposta.

Bailey flectiu os músculos das pernas e puxou para trás. A posição agachada não lhe permitia grande apoio, mas puxava-o por um declive

abaixo e a gravidade ajudou. Quando a cabeça e os ombros passaram a abertura, mudou de posição até conseguir colocar-se mais por baixo dele. Era um peso morto, completamente inerte e incapaz de ajudar. Tinha de ser ela a proteger-lhe a cabeça. Fez uma pausa de um minuto para recuperar o fôlego, ergueu os joelhos e fincou os calcanhares no chão, empurrando-se para trás novamente e arrastando-o consigo. O peso dele fê-lo deslizar e sair do avião, aterrando sobre ela e imobilizando-a contra o solo gelado.

Ó Deus. Conseguia ver-lhe a face e o corte assustador que começava junto ao cabelo e descia através da testa, terminando logo acima da sobrancelha direita. Não sabia grande coisa acerca de primeiros-socorros, mas sabia que um golpe profundo no escalpe poderia provocar grande perda de sangue. A prova disso mesmo cobria-lhe as feições e ensopava-lhe a camisa e as calças.

Pesava uma tonelada. Arfando, saiu de baixo dele e conseguiu virá-lo de costas. As suas energias gastavam-se rapidamente e sentou-se por um momento, de cabeça baixa, tentando novamente recuperar o fôlego. Tinha os pés em agonia de tão frios e as roupas estavam cobertas de neve que, rapidamente, as ia encharcando. O embate não a matara, mas a altitude e a hipotermia podiam fazê-lo muito em breve.

Justice começou a respirar de forma mais profunda, movendo a garganta.

— Justice? — disse Bailey.

Engoliu e murmurou com voz embargada:

— Que raio?

Bailey soltou uma gargalhada breve e sem fôlego. A situação em que se encontravam não era menos grave, mas, pelo menos, Justice recuperava os sentidos.

— O avião despenhou-se. Estamos ambos vivos, mas você tem um corte grave na cabeça e preciso de estancar a hemorragia. — Lentamente, colocou-se de joelhos e estendeu-se para o interior do *cockpit*, procurando o seu único sapato e o casaco. Estava enregelada e, mesmo que o casaco fosse fino, era melhor que nada. Começou a vesti-lo, parou e retirou o braço. Viu uma manga para poder atacar a costura e começou a puxar. Precisava de algo que pudesse usar como ligadura, aplicando-a sobre o corte e fazendo pressão. Aquilo era tudo o que tinha.

Justice tossiu e disse mais qualquer coisa. Bailey parou. Não percebeu tudo o que dissera, mas parte soara-lhe a «estojo de primeiros-socorros.»

Debruçou-se sobre ele.

— O quê? Não percebi. Há um estojo de primeiros-socorros?

Engoliu. Ainda não tinha aberto os olhos, mas vencia a guerra contra a inconsciência.

— Porta-luvas — murmurou.

Graças a Deus! Um estojo de primeiros-socorros seria a sua salvação se conseguisse abrir o porta-luvas, pensou. Agachou-se e introduziu-se através da porta aberta. O porta-luvas estava à frente do banco do co-piloto. Enfiando os dedos por baixo do fecho, puxou, mas este não se revelou tão cooperante como a pega da porta. Bateu-lhe com o punho frio e puxou mais. Nada.

Precisava de algo pesado e com extremidade aguçada para conseguir abrir o compartimento. Olhou em redor pelo que seria a décima terceira vez. Devia haver algo nos destroços que pudesse usar, algo como... aquele pé-de-cabra preso à parte frontal do suporte do banco do piloto por um par de pegas. Olhou-o, incrédula. Estaria já a alucinar? Pestanejou, mas o pé-de-cabra continuava ali. Tocou-lhe e sentiu o metal frio e duro. Era curto, com apenas uns trinta centímetros, mas era real e era precisamente aquilo de que precisava.

Libertando o pé-de-cabra das pegas, enfiou a extremidade aguçada junto do mecanismo de fecho e empurrou para cima. A tampa vacilou um pouco antes de abrir.

Pegou na caixa verde-azeitona com uma cruz vermelha estampada e voltou a sair do avião. Ajoelhando-se ao lado dele na neve, debateu-se com os fechos do estojo. Porque seria que tudo tinha de ter aqueles malditos fechos? Porque não poderiam as coisas limitar-se a abrir?

Justice abriu os olhos, apenas uma nesga, e conseguiu levar a mão à cabeça. Bailey segurou-lhe no pulso.

— Não, não mexa. Está a perder muito sangue. Tenho de aplicar pressão.

— Pontos — conseguiu dizer ele, fechando os olhos, quando estes se cobriram de sangue.

— O quê?

Inspirou fundo algumas vezes. Continuava a ter dificuldades para falar.

— No estojo. Pontos.

Bailey olhou-o, estarelecida. Podia aplicar pressão na ferida. Podia limpá-la, podia usar adesivo para unir as extremidades do corte. Podia aplicar pomada. Mas ele queria que o cosesse?

— Merda! — exclamou.

Não fazia sentido discutir com um homem semiconsciente, mas Bailey não conseguia impedir-se.

— Não tenho formação médica, a não ser que conte ver episódios do *ER*¹. Ninguém em seu perfeito juízo me pediria para coser uma ferida, mas você não está no seu perfeito juízo, pois não? Tem um ferimento na cabeça. Considerando que não é boa ideia aceitar as decisões de alguém com possíveis danos cerebrais, vou ignorar essa sugestão. Além disso, não sei coser.

— Aprenda — murmurou ele. — Seja útil.

Bailey cerrou os dentes. Útil? Que pensava que fizera enquanto ele se deixava permanecer em doce inconsciência? Pensaria que tinha saído do avião pelos seus próprios meios? Estava encharcada e enregelada por ter rasgado na neve, puxando-o para fora dos destroços. As mãos começavam a ficar azuis e tremia tanto que não conseguiria cosê-lo, mesmo que tentasse.

O frio fê-la pensar. O casaco. Esquecera o casaco, o que constituía mais uma prova de que o choque, o frio ou ambos lhe haviam tornado o raciocínio mais lento. Vestiu-o, grata por aquela protecção do frio, mesmo que fosse pequena. Mas estava tão molhada que não lhe parecia que algo conseguisse aquecê-la sem secar primeiro.

Em silêncio, abriu uma embalagem de compressas esterilizadas e colocou duas sobre o corte na cabeça de Justice, usando as mãos para as manter no local e aplicar pressão. Um som de dor ergueu-se da garganta dele, antes de se conter e permanecer absolutamente imóvel.

Talvez devesse falar com ele, pensou, ajudando-o a manter-se consciente e concentrado.

— Não sei o que fazer primeiro — confessou.

Uma tosse convulsiva apossou-se dela e impediu-a de falar, com os dentes batendo tanto que não teria conseguido dizer uma palavra, de qualquer forma. Quando os tremores acalmaram, concentrou-se intensamente em manter as compressas no lugar.

— Preciso de estancar o sangue. Mas estamos na neve... — Os tremores voltaram a interrompê-la. — E estou tão fria e encharcada que mal me consigo mover. Ficaré em estado de choque...

Justice inspirou várias vezes, em preparação para o esforço de falar.

— O estojo — conseguiu dizer, por fim. — Cobertor... no fundo do estojo.

¹ Série de televisão versando casos médicos. (N. do T.)

O único estojo presente era o estojo de primeiros-socorros. Deixando as compressas sobre a cabeça, começou a retirar coisas do interior, dispondo-as na tampa aberta. Por baixo de tudo, cuidadosamente dobrado numa bolsa selada, havia um daqueles cobertores finos prateados que usam os astronautas. Retirando-o da bolsa, abriu o cobertor. Não sabia que efeito teria, nunca antes usara um, mas não questionaria a eficácia de algo que poderiam usar para se protegerem do frio. Sentiu-se tentada a embrulhá-lo em seu redor, enrolando-se até se sentir um pouco menos miseravelmente gelada, mas Justice perdera muito sangue e precisava mais do que ela.

O que deveria fazer? Colocar o cobertor por baixo dele para o proteger da neve ou por cima para o ajudar a manter o calor corporal? Conseguiria aquecer-se de todo, deitado na neve? Não conseguia pensar, raios! Teria de confiar no instinto.

— Vou estender o cobertor a seu lado — disse, acompanhando as palavras com actos. — Agora, vou ajudá-lo a colocar-se sobre ele para não ficar deitado na neve. Tem de me ajudar. Consegue?

— Sim — respondeu, com esforço.

— Muito bem. Cá vamos nós. — Ajoelhando-se no cobertor, deslizou o braço sob o pescoço dele, segurando-lhe a frente do cinto com a mão esquerda e puxando. Ele ajudou-a tanto quanto podia, usando os pés e o braço direito. A maior ajuda era já não ser um peso morto. Forçando cada músculo, Bailey moveu-o até que a maior parte do tronco ficasse sobre o cobertor e decidiu que era suficientemente bom. Rapidamente, dobrou o cobertor sobre ele, prendendo-o onde podia.

Sentindo-se subitamente zozna e com náuseas, deixou-se cair no chão a seu lado. A altitude afectava-a, pensou. Estava quase no limite. Forçando-se muito mais, acabaria deitada na neve, incapaz de se levantar, e morreria antes do romper da manhã, talvez mesmo antes do pôr-do-sol.

De qualquer forma, teria de chegar até às malas, vestir roupa seca, e muita, e precisava de o fazer naquele momento. Precisava de agir ou ambos morreriam.

Forçou-se a inspirar lenta e profundamente para satisfazer o seu corpo sedento de oxigénio. A lentidão era a chave. Devia mover-se lentamente, quando pudesse, e não deixar que o pânico a forcesse a apressar-se até cair. Tinha de planear cada movimento, pensando antecipadamente no que faria para que não desperdiçasse qualquer esforço.

A bagagem fora carregada no avião pela porta do compartimento de bagagem e presa no local por uma rede que impedia as malas de voarem pela cabina durante condições atmosféricas adversas, apesar de ter achado que as suas malas seriam provavelmente demasiado grandes para caberem no espaço entre o tecto e as costas dos bancos. O problema era que, apesar

de a maior parte do tecto ter desaparecido e de as malas caberem no buraco aberto, teriam de ser erguidas para cima e eram muito pesadas. Fraca, gelada e exausta como estava, não lhe pareceu que estivesse à altura da tarefa. Teria de as abrir ainda no compartimento da bagagem e retirar aquilo de que necessitasse.

Precisaria de retirar a rede de carga. Estava certa de conseguir alcançar os ganchos, mas não sabia se conseguiria abri-los se eles fossem particularmente fortes. Se fosse esse o caso, precisaria de encontrar outra forma de ultrapassar a rede.

— Precisamos de aquecer. Preciso de mais roupas da minha mala — disse-lhe. — Se, por algum motivo, não conseguir libertar a rede de carga, tem uma faca que possa usar para cortá-la?

Ele abriu os olhos um pouco e tornou a fechá-los.

— Bolso esquerdo.

Ajoelhando-se, ergueu o cobertor que acabara de enrolar em volta dele e enfiou-lhe a mão no bolso. O calor era surpreendente e tão delicioso que quase gemeu de prazer, mas tinha os dedos tão frios que estavam completamente dormentes e não conseguia perceber se tocava na faca ou não. Tentou segurar o que lá estivesse.

— Cuidado — murmurou ele. — O Charlie Brincalhão está aí e não se solta.

Bailey não conteve um resmungo de censura.

— Então mantenha-o fora do caminho ou poderá soltar-se. — Homens. Ali estavam, podendo morrer com a hipotermia e, no caso dele, com a perda de sangue, e continuava a pensar em proteger o pénis.

— Charlie Brincalhão uma ova — murmurou ela, retirando a mão do bolso para perceber se tinha apanhado a faca.

A boca dele esboçou um sorriso que não tardou a desvanecer-se.

Bailey fez uma pausa, olhando-lhe a cara ensanguentada. Foi o primeiro indício de humor que lhe conheceu e atingiu-a no coração porque, apesar de tudo o fizesse, poderiam não sair vivos daquela situação. Justice não desistira. Conseguira mantê-los vivos e não conseguia suportar a possibilidade de poderem morrer porque tomara a decisão errada ou porque não fizera o suficiente. Devia-lhe a sua vida e faria tudo para salvaguardar a dele, mesmo cosê-lo se precisasse, raios.

Tinha na palma da mão o canivete e cerca de um dólar em trocos. Pegou no canivete e devolveu-lhe as moedas ao bolso, voltando a cobri-lo com o cobertor.

— Regresso dentro de minutos — disse, confortando-o com uma mão no peito.

O avião erguia-se à sua frente, uma ave ferida com a asa direita amol-

gada e a esquerda desaparecida. Estavam abaixo dele na encosta e percebeu que não seria o local mais seguro se os destroços começassem a deslizar. Não lhe pareceu que acontecesse, com a asa amolgada cravando-se na encosta daquela forma. Além disso, o ramo de árvore que empalava a fuselagem funcionava como uma âncora. Mas preferia não correr riscos e mudar de sítio depois de ter trocado de roupa e de se ter aquecido, quando se sentisse mais capaz desse esforço.

Não tinha bolsos e segurou o canivete nos dentes enquanto regressava ao *cockpit*, indo até ao fundo do avião. Ajoelhando-se sobre um banco, esticou-se até ao compartimento da bagagem, alcançando os ganchos da rede de carga nas traseiras da cabina. Para seu alívio, a rede soltou-se com facilidade. Puxando-a para o lado, virou uma das malas e abriu o fecho. As malas eram idênticas e não sabia o que continha cada uma, mas não lhe interessava realmente. Queria ficar seca e não importava a roupa que vestisse.

A mala de Justice também ali estava, mas era a mala de viagem típica dos pilotos, suficientemente grande apenas para um estojo de barba e para uma muda de roupa. Arrastou-a por baixo do banco porque não fazia sentido deixá-la no avião, mesmo que não fosse provável que o conteúdo fosse necessário tão cedo. Tinha roupas suficientes para o cobrir. Não era preciso que as vestisse, até porque não conseguia pôr-se de pé. Precisaria de roupa, mas achou melhor guardar a que lhe servia para depois.

Quando procurava uma camisa de flanela teve uma hesitação, acabando por retirar o casaco de seda e o top. O sutiã estava húmido e também o tirou. Tremendo com o frio, vestiu a camisa de flanela e abotoou-a antes de resumir o esvaziamento sistemático da mala. Alcançando as peças de roupa mais quentes que poderia vestir de imediato, parava e vestia-as. Meias. Calças de licra. Mais um par de meias. Um colete grosso com estofado de penas e bolsos térmicos. Guardou o canivete de Justice num dos bolsos. Também precisava de algo para cobrir a cabeça, mas a única coisa que trouxera com capuz era uma camisola de malha. Não esperando até a encontrar, usou a camisola de mangas compridas seguinte, dobrando-a e prendendo as mangas abaixo do queixo como se fosse um lenço.

Sentiu-se melhor de imediato, apesar de não poder realmente qualificar como «melhor» o simples facto de se sentir ligeiramente menos miserável.

Encontrou os sacos de lixo em plástico que trouxera para guardar roupa suja e começou a enchê-los com roupa. Depois de esvaziar uma mala, empurrou-a para o lado e voltou outra para conseguir chegar ao fecho. Nessa mala, encontrou o par de botas de caminhada com isolamento que trouxera e calçou-as com grata avidez. Aquecer os pés antes

de calçar as botas teria sido agradável, mas esse luxo estava fora do seu alcance.

Tinha já roupa em quantidade suficiente para o cobrir. Parou e deixou a segunda mala parcialmente cheia e a terceira por abrir. Lançando a mala dele pela porta, fez o mesmo com dois sacos de lixo cheios de roupa e seguiu-os. Rastejando para fora, notou a cobertura do chão em vinil à frente dos bancos do piloto e do co-piloto. Retirou o canivete de Justice do bolso, abriu-o e deitou mãos à obra.

Justice estava deitado, perfeitamente imóvel, como se estivesse morto, e mantendo os olhos fechados. A ligadura cobrindo-lhe a testa estava ensopada de sangue.

— Voltei — disse-lhe, colocando o pedaço de vinil no chão a seu lado e ajoelhando sobre ele. Conseguir secar-se fora importante, mas manter-se seca não o era menos. — Trouxe coisas para o cobrir, assim que consiga estancar o sangue e despir-lhe essas roupas ensopadas.

— Está bem — murmurou ele.

Felizmente, não voltara a perder os sentidos, mas a sua voz estava mais fraca. Retirando duas novas compressas esterilizadas do estojo de primeiros-socorros, Bailey colocou-as sobre as sujas e pressionou. Manteve-se nessa posição, falando com ele durante todo esse tempo, contando-lhe tudo o que tinha feito e porquê. Se discordasse de alguma coisa, poderia dizer-lho, mas permaneceu em silêncio.

Não lhe ocorreu cronometrar o tempo em que manteve a pressão, mas, à terceira vez que ergueu as compressas para verificar, a hemorragia abrandara de forma dramática. Pressionou novamente, manteve a pressão durante cinco minutos e voltou a verificar. Não saía sangue novo do golpe medonho.

— Acho que funcionou — suspirou. — Finalmente.

O passo seguinte seria limpar o corte, mas, para isso, precisava de água. Enfiara uma garrafa na bolsa, onde quer que estivesse. Tinha de estar algures por ali. Teria sido projectada do avião quando a asa esquerda se soltara. Se conseguisse localizar a asa perdida, a bolsa estaria entre esta e o resto do avião.

— Vou procurar água — disse-lhe ela.

— Não vou a lado nenhum.

Não ia, realmente. Duvidava que conseguisse pôr-se de pé sozinho.

Erguendo-se, Bailey começou a examinar a área imediatamente em redor do avião. Não conseguindo localizar a bolsa, seguiu com o olhar o caminho que o avião tomara, assinalado com árvores derrubadas e ramos partidos.

Arregalou os olhos. As montanhas erguiam-se em seu redor, silen-

ciosas e cobertas de neve. O único som era o suspiro ocasional do vento nas árvores. Não se ouviam folhas a dançar nem pássaros a cantar.

As montanhas eram imensas, rodeando-a na sua imensidão, tão altas que não tardariam a bloquear o sol vespertino. Lentamente, incrédula, descreveu um círculo. Não havia nada além de montanhas e mais montanhas, tão longe quanto os seus olhos alcançavam. Estendiam-se a grande distância, com sopés colossais velados por nuvens cinzentas. Feridas profundas na terra criavam sombras negras que raramente eram tocadas pela luz solar. O avião não era mais do que um ponto na agreste paisagem montanhosa, parcialmente coberto pelos ramos das árvores contra as quais se havia despenhado, e as sombras negras avançavam em sua direcção.

Sentiu-se diminuta, insignificante e nula. Percebeu que, juntamente com Justice, não eram nada. Eram perfeita e absolutamente insignificantes para as montanhas. Qualquer operação de salvamento levaria dias a alcançá-los. Estavam sozinhos.

| 7 |

Bailey procurou a bolsa tanto tempo quanto conseguiu sem se esgotar, mas uma busca intensiva implicaria subir a encosta íngreme e, por vezes, vertical e não era capaz de o fazer. Acabando por desistir, regressou lentamente até junto de Justice. Estava com péssimo aspecto, pensou, e não era apenas pelo sangue. Estava tão imóvel, como se a vida o abandonasse apesar de ter conseguido estancar a hemorragia. O que a perda de sangue não conseguira, o frio e o choque completavam. Pensar nessa possibilidade abalou-a.

— Justice, está acordado?

A resposta foi um «hmm» gutural.

— Não consigo encontrar a garrafa de água que trouxe. Há neve, mas não tenho maneira de fazer uma fogueira para a derreter. Se coser o golpe sem o lavar primeiro, há grandes riscos de infecção. Limpá-lo-ei o melhor que possa com toalhetes embebidos em álcool daqui a pouco, mas, em primeiro lugar, vou fazer os possíveis para o aquecer. — Lançou um olhar preocupado sobre o ombro em direcção ao avião. Continuava a não acreditar que deslizasse, mas não podia rejeitar a possibilidade. Mover Justice, no entanto, seria outra coisa que teria de esperar.

— Ótimo — disse ele. A palavra foi reduzida a um som ténue.

Trabalhando com rapidez, Bailey ergueu-lhe os pés e colocou um dos sacos de plástico de roupa por baixo para ajudar a lidar com o choque. Abrindo o outro, retirou outra camisa de flanela e dobrou-a, rodeando-lhe gentilmente a cabeça com ela para impedir que perdesse ainda mais calor corporal. Em seguida, puxou o cobertor espacial para o lado e começou a cobri-lo com roupa em camadas, dos pés para cima. Quando chegou à camisa, fria e ensopada pelo sangue, abriu o canivete e cortou-lhe a camisa para a retirar, limpando-lhe o sangue do peito tão bem quanto podia com a primeira peça de roupa que lhe veio à mão e que revelou ser um par de cuecas.

Quando estava tão seco quanto era possível, dispôs mais roupa em camadas sobre o seu peito e ombros. Terminou, deitando-se a seu lado, aninhando-se por baixo das camadas de roupa até se encostar a ele e conseguir rodeá-lo com os braços. Como última cobertura, puxou uma camisa para lhes tapar por completo as cabeças e aquecer o ar que respiravam. A camisa não bloqueava toda a luz, mas o efeito era semelhante ao de estar numa caverna. A respiração de ambos rapidamente aqueceu o ar e esse pequeno conforto era tão bem-vindo que se sentiu prestes a chorar de alívio.

Ele sentia-se como um bloco de gelo encostado a ela. Precisava de algo quente para beber ou de algo doce para comer, para melhor combater o choque e o frio. Bailey ainda não conseguia pensar com a clareza necessária porque, mesmo que não lhe pudesse dar nada para beber, tinha enfiado um molho de barras de chocolate e algumas pastilhas elásticas numa das malas, evidentemente a que não abrisse. Deveria ter pensado nisso e perdido alguns minutos para chegar lá.

Os tremores dela perdiam intensidade, mas ele passou a não tremer de todo. Não podia ser bom sinal.

— Ei, Justice — disse. — Mantenha-se acordado. Fale comigo. Diga-me se consigo aquecê-lo.

A resposta tardou, fazendo-a recear que tivesse perdido novamente a consciência, mas acabou por dizer:

— Não.

Talvez tivesse vestido roupas em demasia para conseguir transmitir-lhe algum do seu calor. Remexendo-se por baixo da pilha de roupas, despiu o colete de penas e colocou-o sobre ele de forma a ser a camada mais próxima do seu corpo. Sentia-se mais fria sem o colete, mas encostou-se o suficiente para também ficar parcialmente coberta. As penas tinham absorvido parte do seu calor corporal. Conseguia senti-lo nas mãos enregeladas.

— Sinto isso — murmurou ele num tom vagaroso.

— Ótimo. Precisa de ficar acordado. Continue a falar comigo. Se não consegue lembrar-se de algo interessante para dizer, emita um som de vez em quando para eu saber que continua consciente.

Começou a passar-lhe a mão esquerda sobre o peito, os ombros e os braços para estimular a circulação.

— Há chocolates numa das minhas malas. Quando aquecer, vou buscá-los. O açúcar vai ajudar a que se sinta melhor. — Fez uma pausa. — Diga alguma coisa.

— Alguma coisa.

— Espertalhão. — Além do facto de as palavras terem sido arrastadas e ditas numa voz incrivelmente débil, o seu coração animou-se. Se continuava a conseguir armar-se em esperto, talvez não estivesse tão mal quanto receou.

•

Cam ouviu a Sra. Wingate falar. Sentiu que a sua consciência estava quebrada em dois e que parte dele se deixava arrastar em direcção à névoa, impedida apenas pelas suas exigências ocasionais para que respondesse. A um nível mais notório, também se sentia consciente da miséria física total em que se encontrava. Sentia-se tão frio que passara a conferir um novo significado à palavra. Porque não poderiam as duas partes trocar de lugar, passando a consciência física a flutuar no éter? A única coisa que não queria que acontecesse naquele momento era que as duas se fundissem, mas, ao mesmo tempo, sabia que não podia deixar-se arrastar para mais longe.

Ouvir a voz dela dava-lhe algo em que se concentrar, impedindo-o de derivar para as trevas. Sabia que estava ferido e sabia mesmo porquê, apesar de não conseguir perceber exactamente como. Aterrara o avião com sucesso, o que era óbvio porque ambos continuavam vivos. Lembrava-se de o motor deixar de funcionar de forma inexplicável e recordava-se de tentar levar o avião até à linha de árvores para que a vegetação ajudasse a amortecer o impacto. Era tudo. Não recordava nada sobre o impacto propriamente dito. A sua memória seguinte era de sentir a cabeça como se alguém lhe tivesse acertado com um taco de basebol. Ou melhor, todo o corpo se sentia assim e nada fazia sentido além de ouvir a Sra. Wingate a chamar o seu nome.

Precisava de se concentrar com esforço para compreender o que dizia e, por vezes, os seus pensamentos vagueavam e perdia o fio à meada, sendo puxado por uma pergunta directa ou por uma pontada de dor. As palavras tinham clareza cristalina num momento e, no seguinte, eram apenas sons que sabia terem algum significado que não conseguia atingir. Não havia uma fronteira clara entre o que era real e o que não era e flutuava numa terra de ninguém.

Sentia-a tocá-lo. Isso, pelo menos, era real porque conseguia senti-la.

Ficou vagamente surpreso. Não quisera falar com ele, mas tocava-lhe? Estranho. Cobrira-o com alguma coisa. Não sabia o quê, mas o calor e o peso eram agradáveis. A seguir, deitara-se a seu lado e rodeara-o com os braços, começando a esfregar-lhe vigorosamente o peito e os braços. Começava a espalhar-se por si um vago calor.

O calor, mesmo ténue, era maravilhoso. Tão maravilhoso como sentir o seio dela contra o seu braço, o que provava, a seu ver, que, mesmo moribundo, um homem continuava a ser um homem e um seio, qualquer seio, era sempre digno de atenção. Embalado pelo conforto proporcionado em conjunto por seio e calor, sentiu-se adormecer.

A descontração estilhaçou-se quando todo o seu corpo se tornou tenso e começou a tremer. Já sentira frio antes, frio de provocar espasmos incontrolláveis e de fazer bater os dentes, mas nada que se assemelhasse àquilo. Os tremores agitavam-lhe todo o corpo, tomando cada músculo, fazendo estremecer cada osso. Tremia tanto que achou poder partir os dentes e tentou uni-los. A Sra. Wingate abraçou-o com mais força, murmurando algo que não conseguia compreender. Após alguns minutos, os tremores pararam e, exausto, sentiu os músculos descontraírem.

Mal tivera tempo de recuperar quando foi tomado por novo espasmo.

Não sabia quanto tempo durariam os terríveis espasmos, mas eram medonhos e não podia fazer nada para os controlar. Ela mantinha-se a seu lado durante todo o tempo, segurando-o, acariciando-o, falando com ele. Concentrou-se no som da sua voz como se fosse uma linha de vida, mesmo que, na maior parte do tempo, não conseguisse compreender o que dizia. Fazia-o porque, enquanto conseguisse ouvi-la, isso significaria que não estava morto. O seu corpo tentava matá-lo, mas que se lixasse. Merda para a morte. Não tinha qualquer intenção de desistir, apesar de se sentir tão exausto que a desistência seria mais fácil do que passar por tudo aquilo.

Queria apenas descansar um pouco. Dormir. Mas, mesmo durante os breves períodos em que os tremores paravam e conseguia descontraír, não conseguia dormir porque ela não parava de falar. Nalgum ponto, o seu cérebro voltou a focar-se e as palavras recomeçaram a fazer sentido.

— ... bom — dizia. — Está a tremer e isso é bom.

A tremer? Chamava «tremer» àqueles espasmos musculares brutais?

Num momento de clareza, conseguiu dizer:

— Treta.

Ouviu um som baixo que era quase como uma gargalhada. A Sra. Wingate a rir? Talvez estivesse a alucinar.

— Não, é bom — insistiu ela. — É o seu corpo a gerar calor. Eu sinto-me mais quente agora. Já nem tenho os pés tão frios.

Encetou um laborioso inventário mental do seu corpo. Talvez ela tivesse razão. Não podia dizer que estivesse confortável, mas sentia-se decididamente mais quente. Tentou abrir os olhos, mas tinha as pálpebras unidas. Lentamente, com cada movimento necessitando de toda a sua força e concentração, ergueu a mão direita até à face.

— O que está a fazer?

— Olhos... tento abrir os olhos. — Tocando atabalhoadamente as pálpebras, sentiu a crosta endurecida com as pontas dos dedos. — O que é... esta merda?

— Sangue seco. Acho que lhe colou as pálpebras — explicou ela. — Está num rico estado. Quando estiver um pouco mais quente e tiver comido algum chocolate, limpo-lhe a cara e descolo-lhe as pálpebras. Depois verei se consigo dar-lhe alguns pontos. Mas aviso-o de que o resultado não será bonito.

Pontos? Sim. Lembrava-se agora. Tinha um corte na cabeça. O estojo de primeiros-socorros tinha linha e agulha e dissera-lhe para o coser.

Não queria esperar que lhe limpasse a cara. Queria ver imediatamente. Queria erguer-se e avaliar pessoalmente a situação. Precisava de ver os estragos no avião. Talvez conseguisse estabelecer contacto via rádio.

Foi tomado por novo espasmo que o fez estremecer. Desta vez, durou mais tempo, mas a intensidade foi menor. Ela segurou-o com mais força, como se pudesse conter os tremores. A táctica não funcionou, mas apreciou o esforço.

Quando o espasmo amainou e conseguiu voltar a descontraír, sentiu-se tão cansado que abdicou de qualquer intenção de se levantar para avaliar o que fosse. Queria apenas ficar ali deitado. Além disso, pensou, vagamente, se dali saísse, não poderia sentir os seios dela contra ele e isso agradava-lhe muito. Podia ser um cão por isso. Gostava de seios. Atirem-lhe um osso e chamem-lhe Fido.

Ocorreu-lhe, naquela forma de pensar flutuante e difusa, que sentiria melhor os seios dela se estivessem deitados de frente um para o outro.

— O que está a fazer? — Soou um pouco alarmada ou talvez irritada. — Se fizer cair as roupas todas depois do trabalho que tive para o cobrir, deixo-o de rabo na neve para congelar.

Irritada. Decididamente.

— Aproxime-se mais — murmurou. Tentava erguer o braço esquerdo para conseguir rebolar e ficar deitado sobre o seu lado esquerdo, voltado para ela, mas ela encostava-se ao seu braço e não conseguia o movimento necessário de começar por se afastar dela, erguer o braço e voltar-se de lado.

— Muito bem. Mas fique quieto. Deixe-me ser eu a fazê-lo.

Moveu-se mais um pouco, arfando com o esforço. A seguir, ergueu-lhe o braço esquerdo e deslizou para baixo, pressionando-se contra si. Ele quase suspirou de prazer porque agora conseguia sentir as duas saliências suaves e firmes. Ela cruzou-lhe um braço sobre o estômago e aproximou-se ainda mais.

— Melhor?

Não fazia ideia. Emitiu um som com a garganta. Ela que o interpretasse como achasse melhor.

— Acho que assim é mais quente. Dentro de minutos, levanto-me para deitar mãos à obra. Se ficar aqui mais tempo, posso adormecer e isso não será bom, mas tenho de fazer as coisas com calma ou a altitude dá cabo de mim.

Quis perguntar-lhe o que tinha de fazer, mas sentia-se tão sonolento e cansado, tão quente (quase confortável) que permanecer acordado depressa se tornava impossível. Emitiu novo som e isso pareceu satisfazer as suas exigências sonoras. Continuou a falar. Deixou de a ouvir e adormeceu.

| 8 |

Cuidadosamente, Bailey rastejou de baixo da enorme pilha de roupa. Justice dormia e, apesar de achar que seria melhor mantê-lo acordado devido ao ferimento na cabeça, também achou que dormir era o melhor que poderia fazer. Todos aqueles tremores deviam tê-lo deixado exausto.

Também ela se sentia melhor. Os pés continuavam frios, mas, no geral, estava muito mais quente, apesar de sentir a falta do colete de penas que agora cobria Justice. Para compensar a perda, retirou uma terceira camisa da pilha e vestiu-a.

O tempo que passara deitada também ajudara a dor de cabeça e a náusea. Se tivesse cuidado e não se esquecesse de se mover lentamente, talvez a altitude não a afectasse tanto.

Mesmo sabendo o que veria, perdeu um momento a olhar novamente em redor, para as imensas montanhas com os picos brancos erguendo-se sobre ela. Sem os esforços de Justice, ter-se-iam despenhado sobre as encostas rochosas escarpadas, com poucas ou nenhuma hipóteses de sobre-